

**Lívia Lüdke Lisbôa**

***HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO LOCAL DE APRENDIZAGEM: SABERES  
AMBIENTAIS E A FORMAÇÃO DE SUJEITOS***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do grau de mestre em Educação em Ciências.

Orientador:

Profº Drº José Cláudio Del Pino

Porto Alegre

2008

## **AGRADECIMENTOS**

*À minha mãe, que percorreu esta trajetória de dois anos sempre ao meu lado, de forma paciente e companheira, e que colaborou para que este trabalho pudesse tomar forma;*

*Ao meu pai, que mesmo não estando mais ao meu lado, foi um dos grandes responsáveis pelos primeiros passos dados na direção que me trouxe até aqui;*

*Ao meu orientador, José Cláudio Del Pino, pelos momentos de reflexão, pelas trocas de idéia, pela paciência e, principalmente, pela confiança e parceria.*

**Há escolas que são asas e há escolas que são  
gaiolas...**

*Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do vôo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o vôo.*

*Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em vôo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. O vôo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.*

**Rubem Alves**

## RESUMO

Apresento nesta dissertação de mestrado, inspirada na ótica pós-moderna e no campo dos Estudos Culturais, uma discussão sobre a importância da mídia enquanto formadora de identidades e formuladora de modos de ser sujeito.

Para isto, no presente estudo, busquei analisar os conteúdos relacionados à temática ambiental que fazem parte do enredo de algumas histórias em quadrinhos da Turma da Mônica, escritas por Maurício de Souza, e sua importância como difusoras de concepções, saberes, representações e conceitos do campo das ciências ambientais. Para tanto, identifiquei, apresento e analiso as principais estratégias de linguagem (imagens, palavras e signos) utilizadas nesse espaço, que podem ou não promover uma sensibilização do leitor a respeito de temáticas socioambientais, reveladas através das concepções que os personagens trazem de meio ambiente ou natureza. Para esta análise, foram selecionadas 15 histórias que compõem as revistas da Turma da Mônica do ano de 1990 a 2006.

Foram escolhidas as histórias em quadrinhos de Maurício de Souza para realização do presente trabalho, pelo fato de serem concebidas e produzidas no Brasil, por seus personagens serem bastante característicos e representativos de ‘tipos de brasileiros’ e por ser uma das revistas em quadrinhos de maior tiragem e interesse por parte do público leitor infante-juvenil no país.

Neste trabalho indico também a existência de tramas discursivas que mostram ao leitor algumas representações de natureza, sendo que estas histórias e seus conteúdos podem se constituir como espaços educativos que ensinam de forma lúdica sobre diversos aspectos, entre eles, questões ligadas ao meio ambiente.

Ao percorrer a trajetória deste trabalho, pude perceber claramente que a mídia, enquanto canal de comunicação que é, tem uma profunda e inegável importância na formação das identidades dos sujeitos. A representação de natureza apresentada ao leitor nas HQs analisadas mostrou: uma notável separação entre o homem do campo e da cidade; uma visão utilitarista dos animais; a homogeneização do ser humano: não sendo apresentadas distinções entre as diferentes culturas dentro da sociedade ocidental; algumas vezes a falta de apontamentos de alternativas para as problemáticas ambientais enfrentadas; entre outras situações. Percebi, portanto, que as HQs em questão trazem nos conteúdos

apresentados ao leitor uma série de sugestões de formas de ser/agir/se posicionar. Estas muitas vezes não estão explícitas e geralmente não são impostas ao leitor; porém acredito que o contato com discursos que sugerem posições em relação à natureza, bem como sugerem modos de agir frente a algumas problemáticas ambientais - mesmo que não explicitamente, merecem ser levadas em consideração em estudos como este, bem como por educadores que desejem realizar trabalhos pedagógicos utilizando-se destas instâncias culturais.

**Palavras-chave:** histórias em quadrinhos, mídia, natureza, locais de aprendizagem.

## ABSTRACT

I present in this dissertation of master's degree, inspired in the pos-modern optics and in the field of the Cultural Studies, a discussion on the importance of the media while forming of identities and formulator in ways of being a subject.

For that, in the present study, I attempted to analyze the contents related to the environmental thematic that are part of some of the comic strips of Turma da Mônica, written by Maurício de Souza, and its importance as a diffuser of opinions, knowledge, representations and concepts on the field of environmental science. For this purpose, are identified, presented and analyzed the main strategies of language (images, words and signs) used in this space, that can promote or not a sensitization of the reader about social-environmental thematic, revealed through the opinion that the characters bring from the environment or from the nature. For this analysis, were selected 15 strips of Turma da Mônica from 1990 to 2006.

Were chosen Maurício de Souza's comic books for the realization of this dissertation, because they are conceived and produced in Brazil, for the fact that their characters are representative "brazilian types" and for being one of the comics of bigger print run and interest for part of children's reader public in the country.

In this work I indicate also the existence of discursive woofs that show to the reader some representations of nature, in the way that these strips and his contents constitute themselves as educative spaces that teach in the playful form on several aspects, between them, questions connected with the environment.

Through the trajectory of this work, I could realize clearly that the media, while channel of communication that is, it has a deep and undeniable importance in the formation of the identities of the subjects. The representation of nature presented to the reader in the analyzed HQs showed: a notable separation between the man of the field and of the city; a utilitarian vision of the animals; the homogenization of the human being: when distinctions between the different cultures inside the western society are not presented; sometimes the lack of notes of alternatives for the environmental faced problems; between other situations. I realized, so, that the HQs opened to question brings in the contents presented to the reader a series of suggestions of the forms of being/to act/ to be positioned. These very

often are not explicit and generally they are not imposed on to the reader; however I believe that the contact with speeches that suggest positions regarding the nature, that suggest ways of acting in front of some environmental problems – even if it's not explicitly, they deserve to be taken into account in studies like this one, as well as for educators who want to carry out pedagogic works making use of this cultural persistence.

**Keywords:** Comic strips, media, nature, learning places.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - A descoberta de que o leite que os bezerros tomam vem de uma vaca, deixa bastante perplexo o primo de Chico Bento .....	29
<b>Figura 2</b> - As pessoas vindas da “cidade grande” são mostradas como não tendo noção de seus limites.....	30
<b>Figura 3</b> - A finalização de uma HQ.....	31
<b>Figura 4</b> - Fica evidenciada a separação entre o ser humano e os outros animais na natureza.....	32

## SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA.....	11
1.1 Pedagogias Culturais Formadoras de Sujeitos.....	14
CAPÍTULO 2 - A TEMÁTICA AMBIENTAL E SEU POTENCIAL EDUCATIVO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DE MAURÍCIO DE SOUZA.....	21
2.1 Introdução – Contextualizando a Pesquisa.....	22
2.2 Educação Ambiental e sua Trajetória.....	25
2.3 Veículos de Comunicação de Massa & as Questões Ambientais.....	27
2.4 Maurício de Souza, Turma da Mônica e Educação Ambiental.....	28
2.5 Procedimentos da/para Pesquisa.....	29
2.6 Quatro Histórias em Quadrinhos de Maurício de Souza: a leitura sob um outro prisma.....	31
2.7 Discutindo os Conteúdos Analisados.....	35
2.8 Considerações Finais.....	36
2.9 Referências Bibliográficas.....	37
CAPÍTULO 3 - HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO MATERIAL DIDÁTICO ALTERNATIVO PARA O TRABALHO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	41
3.1 Introdução.....	42
3.2 Ser Humano e Natureza: uma dicotomia errônea.....	42
3.3 Os caminhos da Educação Ambiental no Mundo Ocidental.....	44
3.4 Educação Ambiental no Brasil.....	47
3.5 Educação Ambiental para Além dos Muros Escolares.....	49
3.6 HQs como Objeto de Estudo: artefato cultural formador de opinião.....	50
3.7 As Histórias Analisadas e as Mensagens Explícitas/Implícitas.....	51
3.8 As Mensagens das Histórias Analisadas.....	51
3.9 Discutindo as Mensagens das Histórias Analisadas.....	57
3.10 Considerações Finais.....	60
3.11 Referências Bibliográficas.....	61
CAPÍTULO 4 - HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E A PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS AMBIENTAIS: TEMPO E ESPAÇO DE APRENDIZAGEM.....	64
4.1 Introdução.....	65

4.2 Espaços Educativos Alternativos.....	66
4.3 Histórias em Quadrinhos como Local de Aprendizagem.....	67
4.4 A História das Histórias em Quadrinhos.....	68
4.5 Turma da Mônica e Meio Ambiente: uma outra leitura do conteúdo de alguns quadrinhos.....	71
4.5.1 As histórias e seus Conteúdos.....	71
4.6 Saberes Ambientais nas HQs da Turma da Mônica...Os Conteúdos Analisados.....	75
4.7 Algumas Considerações.....	77
4.8 Referências Bibliográficas.....	79
CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
5.1 Referências Bibliográficas.....	85
5.2 Anexos.....	87

## **CAPÍTULO 1**

### **CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA**

Início este trabalho com uma breve apresentação dos motivos que me trouxeram até o lugar no qual me posiciono atualmente, e que me fizeram buscar um novo olhar sobre locais/materiais que antes me pareciam pouco legitimados, ou mesmo, sem importância na formação dos sujeitos. Em um primeiro momento, minha escrita pode não se mostrar nos padrões acadêmicos, porém julgo de grande importância que ela exista, desta maneira, para que assim o leitor possa sentir-se imerso e atraído na leitura deste trabalho.

A trajetória e os caminhos percorridos ao longo de minha formação acadêmica e profissional, nunca deixaram dúvidas sobre o destino ao qual estavam me levando. Posso dizer que já algum tempo venho me relacionando e envolvendo com tudo aquilo que diz respeito à prática da Educação Ambiental (EA), bem como à teoria que cerca esta grande área de saber.

Ao trilhar um caminho no qual a EA esteve (e está) presente de forma muito intensa, e que aos poucos me foi sendo revelado tão encantador e desafiante, questionei-me sobre a possibilidade de realização de uma pesquisa de mestrado, que buscasse trazer à tona algumas discussões sobre os tipos de representação de natureza que encontram-se presentes em divulgação na mídia atualmente. Esta curiosidade já me foi despertada desde a conclusão do curso de bacharel em Ciências Biológicas, durante o qual me envolvi com o estudo de histórias em quadrinhos (HQs) e a produção de saberes ambientais, o que acabou por me guiar, suavemente, até a conclusão desta dissertação de mestrado.

Durante esta trajetória de pesquisa e prática da Educação Ambiental, deparei-me com um grande questionamento: nota-se cada vez mais que os veículos de comunicação de massa – a mídia como um todo – têm trazido para seu público inúmeras informações que envolvem as realidades ambientais vividas pela humanidade atualmente. Estas realidades geralmente estão ligadas às problemáticas ambientais que têm ocorrido cada vez com maior frequência ao redor do mundo, entre elas: desmatamentos e queimadas em grandes proporções; poluição de corpos d'água como um todo, e conseqüente mortandade de um número incalculável de seres vivos; emissão de enormes quantidades de gases poluentes na

atmosfera, aumentando assim em grande escala o aquecimento global, entre outros. A partir disto, me questiono: que tipo de informação esta mídia (seja ela impressa, visual, televisiva, etc.), entendida como um espaço formador de opiniões e, além disso, formador de sujeitos e identidades, tem trazido para seus expectadores? E mais do que isso: se levarmos em consideração que histórias em quadrinhos são um espaço midiático que, assim como os outros que compõem os veículos de comunicação de massa, carregam consigo uma grande quantidade de informações e conhecimentos, quais serão as representações que estas HQs trazem sobre natureza para seus leitores?

Cabe lembrar ao leitor que aqui entendo as HQs como um veículo de comunicação de massa com grande poder de alcance, que trazem uma diversidade de conceitos e idéias acerca de suas temáticas. Assim como os livros didáticos, as revistas de difusão científica, sítios da Internet, entre outros artefatos, as HQs têm sido consideradas como fonte de estudo e pesquisa, principalmente quando se trata da infância, juventude, sensibilização e formação de sujeitos e identidades.

No presente estudo busquei então analisar os conteúdos relacionados à temática ambiental que fazem parte do enredo de algumas histórias em quadrinhos de Maurício de Souza – Turma da Mônica, e sua importância como difusores de concepções, saberes, representações e conceitos do campo das ciências ambientais. Para tanto, são identificadas, apresentadas e analisadas as principais estratégias de linguagem (imagens, palavras e signos) utilizadas nesse espaço, que podem ou não promover uma sensibilização do leitor a respeito de temáticas socioambientais, reveladas através das concepções que os personagens trazem de meio ambiente ou natureza. Para esta análise, foram selecionadas 15 histórias que compõem as revistas da Turma da Mônica do ano de 1990 a 2006. A descrição de como foi realizada a escolha do material empírico encontra-se com maior detalhamento no capítulo 4 – “Histórias em Quadrinhos e a Produção de Significados Ambientais: Tempo e Espaço de Aprendizagem”.

O presente trabalho mostra-se escrito em formato de artigos, unidos por uma introdução comum, e considerações finais que englobam os capítulos que compõem o corpo desta dissertação. A escolha de apresentação do trabalho neste formato se deu devido à intenção de mostrar de uma maneira dinâmica e direta as análises realizadas e os

resultados obtidos ao longo destes dois anos de pesquisa. Ao optar por este formato de escrita, tenho consciência das possíveis implicações negativas do mesmo, pelo fato de, em alguns momentos, sobrepor-se as discussões e apontamentos realizados nos artigos que compõem o corpo da dissertação. Porém, os capítulos presentes no corpo da dissertação apresentam apontamentos diferenciados, principalmente no que se refere à revisão bibliográfica realizada para a escrita, tornando assim a leitura deste trabalho mais leve e atrativa para o leitor, que poderá encontrar no capítulo final algumas considerações gerais sobre os trabalhos que dão “vida” a esta pesquisa.

O capítulo 2, intitulado “A Temática Ambiental e seu Potencial Educativo nas Histórias em Quadrinhos de Maurício de Souza”, trata-se de um trabalho completo apresentado no VI Encontro Nacional de Pesquisa de Educação em Ciências, em 2007, em Florianópolis. Neste capítulo faço uma apresentação inicial sobre o porquê da escolha de histórias em quadrinhos como material empírico de análise, bem como escrevo sobre a importância da literatura no que diz respeito à veiculação de informações ligadas às problemáticas ambientais vividas pela sociedade atualmente. Além disso, este capítulo é composto por uma breve revisão bibliográfica sobre as trajetórias seguidas pela Educação Ambiental, e pela análise de quatro histórias da Turma da Mônica, do ano de 1996 a 2000.

O título “Histórias em Quadrinhos como Material Didático Alternativo para o Trabalho de Educação Ambiental” descreve o capítulo 3, que é composto por um artigo publicado na Revista Gaia Scientia, em 2007. Nesta parte do trabalho, busco apresentar um breve relato sobre o atual afastamento do ser humano em relação aos outros seres da natureza, tendência esta que compreende a sociedade, e, portanto o humano, como sentindo-se em oposição à natureza - sendo a sociedade vista como uma superação da condição natural, onde a produção de cultura e de sociedade implicaria uma superação de uma condição inferior, animal, natural. Faço também uma descrição sobre os principais acontecimentos ligados ao campo da EA tanto na esfera ocidental como no Brasil, ficando claro que a EA, ao nível mundial, teve nas últimas três décadas um número expressivo de acontecimentos marcantes: encontros, conferências, programas, políticas legislativas com criação de leis, entre outros, dos quais nasceram muitas idéias e conceitos acerca deste campo do saber. Deste capítulo fazem parte as análises de histórias da Turma da Mônica de 2001 a 2006.

O capítulo 4, intitulado “Histórias em Quadrinhos e a Produção de Significados Ambientais: Tempo e Espaço de Aprendizagem”, é composto por uma descrição e apontamentos sobre os diferentes espaços educativos e a formação dos sujeitos. Ao longo deste capítulo, baseando-me em apontamentos de Giroux (2001), busco mostrar que a autoridade cultural da mídia pós-moderna está no seu poder de ultrapassar os tradicionais locais de aprendizagem, e na sua capacidade de expandir o poder da cultura através de um infindável número de práticas de significado, sendo que a mídia cumpre, intencionalmente ou não, um papel fundamental na construção dos valores sociais e individuais. Além disso, faço um relato sobre a histórias da HQs, e discuto o seu potencial educativo. Estão presentes nesta parte do trabalho, análises de histórias do ano de 1990 a 1995.

A seguir, apresento uma reflexão sobre os locais de formação dos sujeitos, bem como sobre a importância da mídia enquanto formadora de identidades. Busco assim fazer uma apresentação geral, com o objetivo principal de unir os capítulos que formam o corpo do presente trabalho.

### **1.1 PEDAGOGIAS CULTURAIS FORMADORAS DE SUJEITOS**

Situando-me em uma posição pós-moderna, e desenvolvendo uma linha de raciocínio que considera serem, além da escola e os processos formais de escolarização, os formadores das identidades e valores que compõem e constituem os sujeitos, posiciono-me neste trabalho de forma a afirmar que a cultura, e dentro dela a mídia, é uma importante “ferramenta” que constitui e desconstituí, que formula e reformula, que produz e reproduz modos de ser e pensar, modos de agir e se posicionar, modos de estar e de viver. Pauto-me para tal afirmação, em estudos de Louro (2002), que nos mostra a importância destes “outros” espaços de formação no momento em que, na atualidade, uma nova ótica supõe que a cultura e suas múltiplas formas populares, entre elas as pedagogias culturais, sejam compreendidas não apenas como transmissoras de conhecimento, de valores ou de verdades, mas além disso, que sejam consideradas também como grandes produtoras de identidades.

Neste trabalho utilizo a terminologia pedagogia cultural, com base em Giroux (1995), que considera as mesmas como o papel da cultura da mídia, e que se refere ao fato da educação ocorrer em uma variedade de locais sociais, que incluem a escola, mas que não

se limitam a ela. Sob este prisma, as pedagogias culturais são formas de produção de identidades, que se localizam para além dos muros escolares. Para Louro (2002) é importante que sejam realizados estudos que ultrapassem estas fronteiras educacionais já legitimadas, e que se utilize um olhar crítico ao ler pedagogicamente o conteúdo veiculado pelos meios de comunicação, tarefa esta nem sempre fácil.

A respeito disto, Kellner (1995) nos fala sobre um dos focos principais da teoria pós-moderna, que dá ênfase ao crescente papel central da imagem na sociedade contemporânea. Este autor (ibidem) diz também que é necessário aprendermos a ler criticamente estas imagens, e que a educação deve prestar atenção nesta nova cultura, indo assim além de nossa experiência, comportamento e conhecimento, implicando na decodificação e interpretação de imagens, tanto na forma como elas são construídas e operam em nossas vidas, quanto no conteúdo que elas comunicam.

A publicidade é meramente uma parte das indústrias culturais, que incluem o rádio, televisão, o filme, a música, os desenhos animados, as revistas em quadrinhos e outros artefatos da assim chamada cultura popular. Métodos críticos de leitura têm sido desenvolvidos em vários desses domínios e o ensino de um alfabetismo crítico em relação à mídia deveria se tornar parte central de um currículo educacional progressista. Os artefatos da indústria cultural têm assumido um poder cultural enorme. (...) Adquirir um alfabetismo crítico no domínio da aprendizagem da leitura crítica da cultura popular e da mídia, envolve aprender as habilidades de desconstrução, de compreender como os textos culturais funcionam, como eles significam e produzem significados, como eles influenciam e moldam seus leitores/as (ibidem).

Levo em consideração neste trabalho o que nos diz Louro (2000), ao sugerir que não somos sujeitos estáveis, imutáveis, e que, ao contrário disso, nesses tempos pós-modernos, o sujeito é muitas coisas ao mesmo tempo, ou seja, ele é constituído de muitas identidades, pois no seu cotidiano ele é interpelado por inúmeras instâncias, que o instituem a partir de seus discursos. Assim, acredito que as pedagogias culturais existentes, sejam elas parte da mídia impressa, televisiva, visual, etc., são intencionalmente ou não, formadoras de identidades e, além disso, de sujeitos. Portanto, incluo aqui as HQs como uma pedagogia que perpassa os muros escolares, e que pode trazer consigo uma série de conteúdos que podem criar em seus leitores modos de ser, de estar, de pensar, se posicionar e agir.

Entendendo a produção dos sujeitos desta forma, faço um *link* desta pesquisa com uma perspectiva pós-moderna, que questiona os saberes totalizantes, e que acredita ser o

sujeito muitas vezes composto por várias identidades, estando em constante construção, através das tramas que produzem o sujeito, e que são por ele produzidas. O pós-modernismo desconfia do projeto unificador e universalizante da modernidade, desestabilizando as hierarquias simbólicas existentes. Jameson (1993) sugere que uma das características que podem definir o pós-modernismo é o fato de apagarem-se importantes fronteiras e/ou separações entre a alta cultura e a chamada cultura de massa, possibilitando assim a grande abertura de terrenos nos quais se localizam diversos artefatos culturais, e entre eles posiciono as HQs, para uma análise crítica.

...não acredito que exista qualquer teoria pós-moderna coerente e única, como também não acredito que estejamos vivendo algo como uma condição ou cena completamente pós-moderna. Em vez disso, devemos estar conscientes da diversidade da teoria e das posições pós-modernas, lendo-as como perspectivas que apontam para novas tendências e condições sociais que exigem uma rediscussão de nossas velhas teorias, podendo levar a novas sínteses teóricas (Kellner, 1995, p.104).

É importante atentar para o fato de que, sob uma ótica pós-moderna, criam-se barreiras ao tentarmos identificar e classificar a identidade do sujeito através de elementos, símbolos e práticas, localizadas em um espaço e tempo definidos, como era possível se pensássemos sob a ótica moderna. No pós-modernismo, não são tão definidas e cristalizadas as identidades, os locais e papéis sociais. A identidade cultural do sujeito na atualidade é muito mais plural, muito mais inconstante, muito mais variada.

Hall (1997) afasta-se da perspectiva essencialista da identidade cultural, que entende a mesma como sendo fixada desde o momento do nascimento, como se fosse parte de uma natureza intrínseca ao ser, impressa pelos genes e parentesco, sem se deixar afetar pelos fenômenos cada vez mais plurais da sociedade. Para este autor, o sujeito pós-moderno seria permanentemente confrontado pelo câmbio de identidades, ocupando assim múltiplas posições, apresentando assim aspectos identitários diferentes, que não se unificam em torno de um eu fixo e imóvel.

Hall (1997), discorrendo sobre cultura, mostra que esta tem uma posição central nos processos de formação e mudança, ao penetrar na vida cotidiana e na formação dos sujeitos, sendo que cada vez mais um número maior de artefatos culturais faz-se presente neste processo, os quais segundo Kellner (1995), devem ser inclusos e discutidos nos currículos escolares, permitindo assim que exista um maior entendimento destes múltiplos espaços.

Lyotard (1989) define como uma condição pós-moderna a incredulidade sobre as metanarrativas modernas, sugerindo que estamos à caminho do rompimento com os sistemas universais e totalizantes propostos pela modernidade, considerando as pluralidades do mundo, e sugerindo que é através da linguagem que se constituem as verdades. Desta maneira, o autor sugere que as tecnologias da comunicação devem ser consideradas no momento em que influenciam a maneira como o conhecimento é produzido. Ele afirma ainda que a cultura deixou de ser vista como um reflexo de processos econômicos ou políticos, e passou a ser considerada como constitutiva do mundo, sendo que a cultura é central nas mais diversas áreas e funciona como recurso, tornando-se cada vez mais um território de disputas.

...práticas sociais e midiáticas e de consumo são constituídas e constituintes da cultura. Em sua forma discursiva, mídia e consumo operam de forma a criar sistemas de representação e dos quais é difícil não participar. Mídia e consumo produzem, em alguma medida, a cultura cotidiana da qual participamos e assim acabam por regular, de alguma forma, nossas condutas. Não significa que isso ocorra de forma impositiva e que os sujeitos não tenham escolha. O que quero dizer é que mídia e consumo fazem parte de nossa esfera cotidiana de negociação de significados de tal modo que acabamos por constituir uma cultura midiática e de consumo (Momo, 2007, p. 205).

Giroux (2001) sugere que a autoridade cultural da mídia pós-moderna está no seu poder de ultrapassar os tradicionais locais de aprendizagem, e na sua capacidade de expandir o poder da cultura através de um infindável número de práticas de significado, dando prioridade à imagem ao invés das exigências da análise crítica. Ainda segundo Giroux (ibidem), existe pedagogia em qualquer lugar em que o conhecimento é produzido, e em qualquer lugar em que existe a possibilidade de traduzir a experiência e construir verdades, mesmo que essas verdades pareçam próximas ao lugar-comum. Desta maneira, pensar as identidades sob um prisma pós-moderno, significa pensá-las como plurais, em constata processo de formação e, por vezes, até contraditórias (Hall, 2001).

Kellner (2001) assinala que na época atual, a cultura da mídia tomou o lugar das tradicionais instituições, atuando como principal instrumento de socialização de jovens e adultos. Acredita assim que, através da mídia, são conferidos papéis a estes sujeitos, atuando assim como elementos formadores de suas identidades. Segundo Costa (2002), ninguém passa incólume pela mídia que produz identidades e subjetiva as pessoas. Costa, Silveira e Somer (2003) sugerem que a pedagogia da mídia é uma prática cultural

problematizada, e que retrata a dimensão formativa dos meios de comunicação; além disso Fischer (2001) sugere que a mídia não é apenas um veículo, mas também produtora de saberes e formas de comunicar, assumindo assim uma função pedagógica.

Ainda sob a ótica pós-moderna, um dos pontos principais apontados por esta teoria, é o importante papel da imagem na sociedade, sendo que Baudrillard (2007) sugere que estejamos transitando de uma sociedade metalúrgica e de produção, para uma sociedade semiúrgica, que se caracteriza pelos signos e imagens. Assim, esta sociedade contemporânea poderia ser definida pela proliferação de imagens, considerando que ao longo de nossos dias somos interpelados quase que ininterruptamente por um universo de signos, estando estes presentes no rádio, televisão, noticiários, filmes, etc. Poderíamos então definir o momento pelo qual a sociedade contemporânea vive, como sendo, segundo Postman (1999), uma era do entretenimento. Para Kellner (2001, p.109) “a educação certamente deveria prestar atenção a essa nova cultura, tentando desenvolver uma pedagogia crítica que estivesse preocupada com a leitura de imagens”. Para este autor “ler imagens criticamente implica aprender como apreciar, decodificar e interpretar imagens, analisando tanto a forma como elas são construídas e operam em nossas vidas, quanto o conteúdo que elas comunicam em situações concretas” (ibidem).

Posso dizer também que este trabalho encontra-se situado dentro do campo dos Estudos Culturais (ECs), que me deixam livre para percorrer caminhos em outros campos teóricos, como o da Comunicação, por exemplo. Sobre isso, segundo Escosteguy (1999), pode-se dizer que o desafio dos estudos culturais foi o de propor uma cooperação entre especialistas de diversas disciplinas, o que, de alguma forma, abalou a divisão organizativa vigente no momento e encorajou uma certa violação de fronteiras disciplinares em termos de temáticas específicas, objetos e contribuições teóricas e metodológicas. Além disso, os ECs analisam problemas instáveis e urgentes, como: a vida cotidiana, informação, gêneros audiovisuais e consumo de bens simbólicos, ações urbanas e transformações perceptivas, entre outras.

De acordo com isso os ECs, assumindo uma perspectiva ampliada de cultura, direcionam seu olhar para diversas práticas culturais, que desta maneira acabam por ser

tomadas “como instâncias educativas que produzem idéias, representações e identidades culturais, sendo, deste modo, constitutiva dos sujeitos” (Kindell, 2004, p.12).

Os Estudos Culturais (EC) vão surgir em meio às movimentações de certos grupos sociais que buscam se apropriar de instrumentais, de ferramentas conceituais, de saberes que emergem de suas leituras do mundo, repudiando aqueles que se interpõem, ao longo dos séculos, aos anseios por uma cultura pautada por oportunidades democráticas, assentada na educação de livre acesso. Uma educação em que as pessoas comuns, o povo, pudessem ter seus saberes valorizados e seus interesses contemplados. (...) Um noticiário de televisão, as imagens, gráficos etc. de um livro didático ou as músicas de um grupo de *rock*, por exemplo, não são apenas manifestações culturais. Eles são artefatos produtivos, são práticas de representação, inventam sentidos que circulam e operam nas arenas culturais onde o significado é negociado e as hierarquias são estabelecidas (Costa, Silveira e Sommer, 2003, p.38).

Portanto, no decorrer deste trabalho tomo estas considerações como ponto fundamental para as análises realizadas, sendo que o leitor poderá notar, já no primeiro capítulo, ou até mesmo antes deste, que na presente dissertação as HQs são concebidas como fonte de aprendizagens, de formação de identidades e sujeitos. Desta maneira, valho-me dos apontamentos feitos pelo campo dos ECs, em uma linha pós-moderna, acreditando ser o sujeito formado e reformulado ao longo do seu cotidiano, durante sua vida inteira, pelas diferentes instâncias que o interpelam. Aqui assumo as HQs como uma destas instâncias, que são carregadas de saberes e que assumem importante papel na formação das identidades.

Destaco então que, a partir da busca e uso das teorizações encontradas na pós-modernidade e ECs, passei a compreender as HQs de uma maneira que anteriormente não se colocava em meu entendimento, e atualmente me é claro que a leitura de uma revista infantil, de um quadrinho de jornal, uma HQ ou uma propaganda de revista, entre muitas outras atividades cotidianas que por muitas vezes nos passam despercebidas e sem maior importância, tem um papel fundamental na formação dos sujeitos. E acreditando nisto aponto como de relevante interesse e importância a realização de um trabalho que busque trazer à tona, de maneira mais aprofundada, uma leitura crítica sobre o que vem sendo apresentado aos leitores em termos de representações de natureza em alguns segmentos da mídia - neste caso, como citado anteriormente, as HQs da Turma da Mônica de Maurício de Souza. Considero assim que os processos educativos acontecem em diversos locais, não se

limitando portanto ao espaço escolar, e que as pedagogias culturais possuem um grande papel educativo na construção das representações de mundo e nos modos de ser sujeito.

## **CAPÍTULO 2**

### **A TEMÁTICA AMBIENTAL E SEU POTENCIAL EDUCATIVO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DE MAURÍCIO DE SOUZA**

#### **ABSTRACT**

Comic strips (CSs), understood as a mass communication vehicle with high power of reach, can be defined as a cultural artifact that carries a diversity of concepts and ideas regarding its thematic. As well as scientific journals, internet sites, and others artifacts, CSs have been considered a source of study and research.

In the present study, we attempted to analyze the contents related to the environmental thematic that are part of Maurício de Souza's publishing company's comic strips, and its importance as a diffuser of opinions, knowledge, representations and concepts on the field of environmental science. For this purpose, are identified, presented and analyzed the main strategies of language (images, words and signs) used in a space, that can promote or not a sensitization of the reader about social-environmental thematic, revealed through the opinion that the characters bring from the environment or from the nature.

**Keywords:** Comic strips, social-environmental thematic, sensitization, nature.

#### **RESUMO**

As histórias em quadrinhos (HQs), entendidas como um veículo de comunicação de massa com grande poder de alcance, podem ser definidas como um artefato cultural que carrega consigo uma diversidade de conceitos e idéias acerca de suas temáticas. Assim como as revistas de difusão científica, sítios da Internet, entre outros artefatos, as HQs têm sido consideradas como fonte de estudo e pesquisa.

No presente estudo, buscou-se analisar os conteúdos relacionados à temática ambiental que fazem parte do enredo das histórias em quadrinhos de Maurício de Souza Editora, e sua importância como difusores de concepções, saberes e conceitos do campo das ciências ambientais. Para tanto, são identificadas, apresentadas e analisadas as principais estratégias de linguagem (imagens, palavras e signos) utilizadas nesse espaço,

que podem ou não promover uma sensibilização ou conscientização do leitor sobre temáticas sócio-ambientais, reveladas através das concepções que os personagens trazem de meio ambiente ou natureza.

**Palavras-chave:** Histórias em quadrinhos, temáticas sócio-ambientais, sensibilização, natureza.

## 2.1 INTRODUÇÃO – CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

Uma grande parcela da população busca estar informada sobre os diversos acontecimentos da atualidade, especificamente aqueles que expressam e revelam os sérios danos ambientais já produzidos no planeta. Mudanças climáticas, diminuição da camada de ozônio, impacto sócio-ambiental dos processos de desenvolvimento tecnológico, ameaças de extinção de espécies, produção excessiva de lixo, ocupações territoriais desenfreadas e desertificação, são exemplos contundentes de problemas ambientais vividos na atualidade. A estes fenômenos pode-se, ainda, agregar a crise sócio-político-ambiental das sociedades atuais, que produz e mantém uma já comprovada situação de insustentabilidade da vida no planeta.

Atualmente, os assuntos relacionados à temática ambiental encontram-se em relevância, sendo noticiados e levados em conta por diversos meios de comunicação. Revistas, jornais, noticiários e uma série de programas televisivos vêm abordando tais questões e trazendo para seu público alvo diversos conceitos e idéias acerca do tema. Cada vez mais, torna-se inegável a necessidade de ampliar o debate, informar, socializar e viabilizar o repasse de informações e conhecimentos científicos e tecnológicos diretamente envolvidos com a temática ambiental. Neste sentido e deste contexto, justifica-se o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa com e sobre os conteúdos impressos em histórias em quadrinhos, na medida em que sua abrangência e possibilidade de acesso, por parte das pessoas localizadas em diferentes classes sociais, podem ser maiores se comparadas com outros artefatos culturais como o livro didático, as revistas especializadas no assunto e o conhecimento formal acerca das problemáticas ambientais.

Deve-se levar em consideração que as HQs são um material de fácil compreensão, não sendo necessário que a pessoa que a tenha em mãos saiba ler o código da língua escrita, possibilitando um outro tipo de leitura, desde crianças pequenas a adultos não

escolarizados. Isto porque as HQs são compostas não apenas pela linguagem literária, mas também pela linguagem gráfica, visual. Com isto e além disto, as histórias em quadrinhos promovem um tempo e um espaço para o ensino e a aprendizagem das pessoas com ou sem acesso à escola. E, se a temática sócio-ambiental for o foco dos conteúdos presentes nas HQs, a contribuição das mesmas pode representar a alteração de condutas, atitudes e pensamentos frente à preservação dos ambientes, das culturas, da vida no planeta. Logo, investigar quais são os conteúdos impressos nas HQs, e como são veiculados, pode contribuir nos processos educativos formais ou informais de crianças, jovens e adultos.

HQs que tratem de questões ambientais são um material a ser incluso no trabalho de conscientização da população, divulgação do conhecimento e difusão de informações. São muitos os exemplos que denotam a possibilidade de trabalho com tais artefatos, quando se trata de alcance e educação da população em geral:

Se apropriadas pelo mundo escolar, podem ser transformadas em material didático-pedagógico a ser incluído nas atividades de sala de aula, criando oportunidades dos alunos estabelecerem relações com os conteúdos das diferentes áreas ou disciplinas escolares, pois é um tipo de leitura que agrada principalmente ao público infanto-juvenil. Segundo Giesta (2002), a importância das histórias em quadrinhos como veículo de comunicação é um dos motivos que atesta um grande valor à investigação sobre seus conteúdos impressos, principalmente quando explorado com sensibilidade e competência pelos professores nos diferentes níveis de escolarização, e até fora dos muros escolares;

HQs se constituem em um material dinâmico, que podem tratar a cada nova edição de temas diferentes, que requerem debate e que precisam chegar ao conhecimento de todos. São diferentes dos livros didáticos, que trazem geralmente o mesmo conteúdo estático por vários anos, sendo restritos os espaços dedicados a novas temáticas;

Como mencionado anteriormente, as HQs possuem um poder de alcance muito amplo, visto que têm uma comunicação direta e de fácil compreensão, tendo grande potencial expressivo e uma linguagem visual;

São mais especificamente voltadas ao público infanto-juvenil, sendo essa a etapa do desenvolvimento social e cognitivo, em que a pessoa assimila a maior parte dos conceitos que levará para o resto da vida;

Diferentemente de folders e cartilhas voltados à tentativa de sensibilização da população para as problemáticas ambientais, as HQs podem tratar desses assuntos em momentos não específicos, diferentemente daqueles, que são geralmente distribuídos (e muitas vezes nem lidos) em momentos e eventos episódicos.

Entendendo então as HQs como literatura infanto-juvenil, e como um veículo de comunicação elaborado pela imprensa escrita (no caso as revistas de Maurício de Souza, publicadas pela Editora Globo), deve-se levar em conta a afirmação de John (1996) quando diz que o papel desempenhado pela imprensa escrita na educação ambiental, no Brasil, é excessivamente variado e que por vezes um tema simples como a reciclagem do lixo pode ser tratado de maneiras diferentes, educando e conscientizando o leitor, ou mesmo trazendo conceitos errados que acabam por confundir o público.

A literatura infanto-juvenil pode ser compreendida como um tipo de experiência humana que informa, ajuda na formulação de teorias e hipóteses, e dá as bases para a formação da concepção de mundo que o jovem leitor trará para consigo no decorrer de sua vida. Segundo Coelho (1996, p.59):

Partindo do atual conceito de Literatura, como palavra nomeadora do real e como expressão essencial do ser humano em suas relações com o outro e com o mundo (ou com a natureza em geral), conclui-se que a Literatura destinada às crianças e aos jovens é um dos instrumentos de maior alcance para a urgente conscientização ecológica desse grupo básico nas sociedades. Ou melhor, a Literatura Infanto-Juvenil é um dos caminhos mais fáceis para a conscientização dos imaturos acerca dos problemas que a Educação Ambiental vem colocando para a sociedade e que estão longe de poderem ser resolvidos.

Considerando, então, as HQs como literatura, enfatiza-se a sua importância e potencialidade no que diz respeito ao processo de aprendizagem, visto que são também significativas fontes de divulgação de conhecimento e saberes, tanto nas salas de aula como fora delas.

Foram escolhidas as HQs de Maurício de Souza para realização do presente trabalho, pelo fato de serem concebidas e produzidas no Brasil, por seus personagens serem bastante característicos e representativos de ‘tipos de brasileiros’ e por ser uma das revistas em quadrinhos de maior tiragem e interesse por parte do público leitor infanto-juvenil no país.

## 2.2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUA TRAJETÓRIA

A educação ambiental (EA) é definida por estudiosos e educadores ambientais (Tristão 2002; Sato, 1997; Carvalho, 2002) segundo diversos conceitos, sendo que os mesmos possuem algumas similaridades: trata-se de uma educação que sensibilize o indivíduo para os atuais problemas ambientais e que faça com que o mesmo se preocupe em encontrar maneiras de trabalhar individual e coletivamente em busca da prevenção de problemas ambientais futuros, deixando assim para as gerações vindouras um meio ambiente equilibrado, saudável e sustentável como legado.

Kraemer (2004, p.3) afirma que:

O impacto da espécie humana sobre o meio ambiente tem sido comparado, por alguns cientistas, às grandes catástrofes do passado geológico da Terra. A humanidade deve reconhecer que agredir o meio ambiente põe em perigo a sobrevivência de sua própria espécie e pensar que o que está em jogo não é uma causa nacional ou regional, mas sim a existência da humanidade como um todo.

Segundo a autora, é a vida que está em jogo e não se pode conceber um ecossistema sem o ser humano, e nem encontrar o ser humano fora de algum ecossistema. Berna (2001) sugere que a degradação do meio ambiente pelo ser humano, não é apenas resultado de sua relação exploratória e desenfreada com a natureza, mas é resultante da sua relação consigo próprio. Segundo o mesmo autor “ao desmatar, queimar, poluir, utilizar ou desperdiçar recursos naturais ou energéticos, cada ser humano está reproduzindo o que aprendeu ao longo da história e cultura de seu povo” (Berna, 2001, p.162).

Layrargues (2001) sugere que o *Homo sapiens sapiens*, denominação científica da espécie humana, apareceu no planeta Terra há cerca de 50 mil anos atrás. Levando-se em conta que o planeta Terra existe há aproximadamente seis bilhões de anos, define-se que a presença do ser humano na Terra corresponde a ínfimos 0,001% da sua idade. O mesmo autor coloca, então, o quanto o ser humano já foi capaz de destruir neste pouco tempo em que habitou e habita os ecossistemas terrestres, causando sérios desequilíbrios na natureza. Salienta, ainda, que a expectativa de vida do planeta é cerca de mais cinco bilhões de anos, quando então o Sol se apagará. Logo, se o ser humano ainda tem 99% de sua expectativa de vida pela frente, o que será capaz de causar na Terra?

Com certeza, essa não é uma pergunta de fácil resposta. A complexidade contida nas origens dos diferentes efeitos daninhos ao meio ambiente já conhecidos exige estudos, pesquisas, informação e educação sócio-ambiental. Layrargues (2001) sugere que a crise ambiental que eclodiu na segunda metade do século XX fez com que o “otimismo humanista do progresso e a confiança absoluta na tecnologia fossem subitamente substituídos pelo pessimismo dos riscos e pela desconfiança das oportunidades que a crise ambiental proporciona” (Layrargues, 2001, p. XIII).

A preocupação com a degradação do meio ambiente começa a ser evidenciada no mundo em meados das décadas de 60 e 70, quando as primeiras respostas da natureza frente à exploração desenfreada do modelo econômico vigente na época, de otimização, crescimento e progresso da produção a qualquer custo, sem levar em conta o possível esgotamento dos recursos naturais, tornam-se perceptíveis e visíveis. No âmbito educativo, o indivíduo era formado sob um modelo tecnicista de ensino escolar e universitário, objetivando a eficiência e a produção no trabalho, sem que fosse necessário refletir sobre as conseqüências da maneira de pensar e agir política e economicamente.

Os olhares mundiais começam então a se voltar para a criação de políticas ambientais, para a mudança dos valores vigentes até então, do ser humano como cerne do mundo e com direitos e deveres sobre a natureza, de utilização, manipulação e exploração da mesma. Os efeitos desastrosos desta concepção utilitarista da natureza geraram movimentos sociais em diferentes partes do mundo, oriundos da grande insatisfação das pessoas como um todo, fazendo aparecer nos cenários nacional e internacional alguns expoentes, como: as revoluções feministas, o movimento ambientalista e as revoltas e protestos de estudantes contra o autoritarismo político vigente até então. Neste sentido, ações educativas fazem-se necessárias e urgentes como afirmou Grun (2003, p.1), “a Educação Ambiental surge no Brasil e no mundo Ocidental de modo geral a partir da constatação de que a educação deveria ser capaz de reorientar as premissas do agir humano em sua relação com o meio ambiente”.

Nesse âmbito, o campo da EA é marcado mundialmente por diversos acontecimentos históricos importantes, entre eles a Conferência de Estocolmo em 1972, a Conferência de Belgrado em 1975, a Conferência de Tbilisi em 1977, a Conferência de

Moscú em 1987, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento em 1992 (RIO-92), entre outros.

No Brasil nas décadas de 70 e 80, a EA era debatida em sala de aula através de temas relacionados com princípios e noções de ecologia, com pouco aprofundamento teórico. É no ano de 1988 que ela toma formas mais consistentes no país, quando é citada na Constituição Federal. Em 1994 é criado o Programa Nacional de Educação Ambiental, que tem como objetivo promover a articulação das ações educativas voltadas às atividades de proteção, recuperação e melhoria sócio-ambiental, trazendo em uma de suas sete linhas de ação a necessidade de parcerias entre os meios de comunicação para que tratem da temática ambiental. Em 1996 o Ministério da Educação define e divulga os Parâmetros Curriculares Nacionais que trazem o tema meio ambiente como um tema transversal, incluído e permeando as várias áreas ou disciplinas escolares. Finalmente em 1999 é instituída a Política Nacional de Educação Ambiental, que em seu artigo 3º discorre o seguinte:

Como parte do processo educativo mais amplo, todos têm direito à educação ambiental, incumbindo: I - ao Poder Público, nos termos dos arts. 205 e 225 da Constituição Federal, definir políticas públicas que incorporem a dimensão ambiental, promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e o engajamento da sociedade na conservação, recuperação e melhoria do meio ambiente [...]IV - aos meios de comunicação de massa, colaborar de maneira ativa e permanente na disseminação de informações e práticas educativas sobre meio ambiente e incorporar a dimensão ambiental em sua programação.

### **2.3 VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA & AS QUESTÕES AMBIENTAIS**

Segundo Caraveo (2001), uma das principais modalidades, que levou à consolidação do campo da EA através de suas propostas teórico-conceituais, é a comunicação ambiental. Esse conceito se refere aos “projetos de EA que têm propósitos de cobertura extensiva – a uma comunidade dispersa ou a uma parte da população – que se baseiam na utilização de meios escritos, áudio visuais ou eletrônicos” (Caraveo, 2001 p.X).

Como um dos meios escritos, a literatura pode ser pensada como uma experiência humana, de interpretação e assimilação de informações do mundo em que vivemos. Coelho (1996, p.60) diz que ela atua “nas emoções, nos sentimentos, ou melhor, no espaço interior do indivíduo e, evidentemente, atua na formação da sua consciência de mundo, (a que é visada pela educação ambiental)”. Essa mesma autora ainda enfatiza a necessidade de

incluir o ludismo nesses processos de formação, para que as aprendizagens sejam significativas e incorporadas:

A pedagogia moderna já provou abundantemente que é por meio do ludismo, da imaginação, do jogo ou do prazer de interagir com algo que as crianças (ou os intelectualmente imaturos em geral) assimilam o conhecimento de mundo que lhes é indispensável para construir seu espaço interior afetivo e racionalmente interagirem com o meio em que lhes cumpre viver (Coelho, 1996, p.60).

Amaral (1997, p.26) afirma que “no cerne do debate pós-moderno encontra-se o final de separações importantes, o apagamento de alguma fronteiras antigas principalmente entre a “alta” cultura e a chamada cultura popular ou cultura de massa”, sugerindo a necessidade de se tentar produzir novas metodologias e novos referenciais teóricos que possibilitem analisar a produção, a estrutura e a troca do conhecimento frente à diversificação dos lugares de aprendizagem. A mesma autora trata da variedade de instâncias culturais que podem vir a produzir significados tendo a natureza como referência, e afirma que:

Além dos tradicionais livros didáticos, podem ser reconhecidos como instâncias legítimas, os livros infantis, os desenhos animados, **as histórias em quadrinhos**, filmes de ficção, programas infantis, documentários, anúncios publicitários, novelas, obras de arte, fotografia etc” [grifo nosso] (Amaral, 1997, p.25).

Giesta (2002, p.165) sugere que por meio de HQs “são veiculada informações pertinentes e que podem contribuir para a conscientização das pessoas”, em se tratando de histórias que abordem problemáticas ambientais. Tal conscientização, segundo Zitzke (2002) constitui-se no objetivo primeiro da EA, que visa ampliar o nível de consciência dos indivíduos e grupos sociais organizados, de modo que possam perceber os problemas sócio-ambientais e entender as relações delicadas entre a sociedade e a natureza.

Neste contexto, pode-se entender os meios de comunicação de massa (e entre eles as HQs) como formadores de opinião e estimuladores de mudanças nas atitudes e condutas, sendo que a mídia cumpre, intencionalmente ou não, um papel fundamental na construção dos valores sociais e individuais.

## **2.4 MAURÍCIO DE SOUZA, TURMA DA MÔNICA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Maurício de Souza nasceu em outubro de 1935 no estado de São Paulo. No referido estado passou cinco anos como repórter policial do jornal Folha da Manhã, e foi em 1959

que criou uma série de tiras em quadrinhos com um cão (Bidu) e ofereceu o material para os redatores da Folha. Nos anos seguintes, Maurício criaria outras tiras de jornal como Cebolinha, Piteco, Chico Bento, Penadinho, e páginas tipo tablóide para publicação semanal - Horácio, Raposão, Astronauta - que invadiram dezenas de publicações durante 10 anos. Na década de 70, Maurício inicia a publicação de revistas em quadrinhos de banca, quando Mônica foi lançada já com tiragem de 200 mil exemplares e seguida, dois anos depois, pela revista Cebolinha e nos anos seguintes pelas publicações do Chico Bento, Cascão, Magali, Pelezinho e outras. Segundo Natal (2005):

As narrativas dos personagens de Maurício de Souza são fortemente galgadas no politicamente correto. Assim, seus personagens estão constantemente se esforçando para preservar a natureza, lutando contra aqueles que prejudicam a fauna e a flora, além de poluidores da natureza e pessoas "más" de uma forma geral, no sentido dicotômico-maniqueísta. Não há vilões fixos nas histórias, com raríssimas exceções de personagens que muito pouco aparecem, como o Capitão Feio, um poluidor superpoderoso. Mas mesmo estes não são realmente "malignos". Suas atitudes são moderadas e leves. Ao invés, os "conflitos" das histórias são mais centrados entre os próprios personagens e seus comportamentos básicos, uma vez que não há, aqui, espaço para características de personalidades mais aprofundadas" [ grifo do autor].

Em entrevista cedida à Revista da Rede Aguapé – Educação Ambiental para o Pantanal - no ano de 2003, Maurício de Souza, quando questionado se considera que as questões ligadas ao meio ambiente devem ser transversais, afirma que para gerar conscientização sobre os cuidados para com o meio ambiente existem duas forças principais: as crianças e os meios de comunicação; “se juntarmos as crianças que vão crescer e virar cidadãos conscientes e os meios de comunicação, talvez possamos cuidar melhor do meio ambiente”.

## **2.5 PROCEDIMENTOS DA/PARA PESQUISA**

O processo de busca das histórias que fazem parte da presente pesquisa se deu através de procura em lojas especializadas, do tipo “sebos”, nas quais é relativamente simples encontrar exemplares antigos dos mais variados tipos de histórias em quadrinhos. Depois de selecionado um universo amostral considerável, cada revista foi minuciosamente lida e as histórias relacionadas com temáticas ambientais previamente analisadas. Optou-se então pela história cujo tema tinha maior enfoque na exposição de tais temáticas.

Do universo de revistas adquiridas, foram escolhidas quatro para fazerem parte do presente trabalho, compreendendo quatro anos de publicação, do ano de 1996 até 2000, excetuando-se 1998, sendo uma história selecionada para cada revista escolhida (para que o leitor possa ter uma breve idéia do universo amostral, inicialmente haviam sido adquiridas aproximadamente dez revistas de cada ano que compõem esta pesquisa. Após isto foi então selecionada uma revista de cada um destes anos). A escolha de uma história em detrimento de outras do mesmo ano de publicação, ou mesmo de outras dentro de uma mesma revista, deu-se pelo fato daquelas que foram escolhidas abordarem mais clara e diretamente de assuntos em pauta na atualidade, em se tratando de temáticas ambientais, como por exemplo, a poluição dos corpos hídricos, o homem vendo-se como um ser à parte da natureza, o antropocentrismo, desmatamentos, queimadas, extinções, entre outros.

Para realização da análise do material coletado, o método qualitativo foi utilizado, visto que segundo Minayo & Sanches (1993) o mesmo produz um aprofundamento na complexidade dos fatos, fenômenos e processos específicos de grupos mais ou menos delimitados em extensão e capazes de serem abrangidos intensamente. Além do seu alcance no que diz respeito a valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. Os autores sugerem ainda a importância do método qualitativo de análise por sua capacidade de fazer emergir aspectos novos, de ir ao fundo do significado e de estar na perspectiva do sujeito, sendo especialmente importante para descobrir novos nexos e explicar significados.

Ainda dentro do método qualitativo de análise, Moraes (2003) sugere que cada vez mais tal metodologia tem se utilizado de análises textuais, sendo que tais análises mostram que “os textos não carregam um significado a ser apenas identificado; são significantes exigindo que o leitor ou pesquisador construa significados com base em suas teorias e pontos de vista. Isso exige que o pesquisador em seu trabalho se assuma como autor das interpretações que constrói dos textos que analisa” (Moraes, 2003, p.194). Assim, todo texto possibilita uma multiplicidade de leituras através da análise textual discursiva, tanto em função das intenções dos autores como em função dos referenciais teóricos dos leitores.

Portanto, para registrar aqui a metodologia de análise utilizada em tal pesquisa que apresento, aproprio-me do que postula Moraes (2003, p.193):

...entendemos que a análise textual parte de um conjunto de pressupostos em relação à leitura dos textos que examinamos. Os

materiais analisados constituem um conjunto de significantes. O pesquisador atribui a eles significados sobre seus conhecimentos e teorias. A emergência e comunicação desses novos sentidos e significados é o objetivo da análise.

## **2.6 QUATRO HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DE MAURÍCIO DE SOUZA: A LEITURA SOB UM OUTRO PRISMA**

**História I** – Publicada em agosto de 1996 na revista numero 250, página 28. Título da história:

### ***Chico Bento em: Leite Fresquinho***

Nessa história fica explícito o desconhecimento do primo de Chico Bento, vindo da cidade grande, de que o leite que ele toma em seu cotidiano vem de uma vaca, assim como um bezerro mama e se alimenta do leite de tal mamífero (Figura 1). Em princípio, quando descobre tal fato, fica enojado e sente asco de se imaginar tomando aquele leite. Para ele é muito estranho que o leite que seu primo toma na fazenda não venha de uma venda, ou supermercado, embalado em um saquinho.

Essa história mostra o distanciamento da pessoa que vive em uma cidade daquilo que acontece no campo. Mostra a separação que existe entre esses dois lugares, como se o homem e uma vaca leiteira não tivessem nenhuma relação como seres vivos, não fazendo parte da mesma natureza. O autor em momento algum da história tenta aproximar estes dois diferentes locais, mostrando que existe uma interligação entre todos os seres vivos e ambientes em qualquer lugar do planeta.

Outra questão interessante que é tratada nesta história é de onde vem o quê é consumido, o que geralmente não é trabalhado com as crianças, talvez até por carregar uma suposta obviedade. Porém, se levarmos em conta que uma criança de grandes metrópoles passa a maior parte de sua vida circulando entre prédios, apartamentos, estradas, supermercados e sem ter um maior contato com outros seres da natureza que não os humanos ou animais domesticados, fica fácil entender o seu desconhecimento acerca do tema. Em tal história não fica claro que o leite que se consome nas cidades grandes também vem das vacas, porém com grandes processos de industrialização.



**Figura 1: A descoberta de que o leite que os bezerros tomam vem de uma vaca, deixa bastante perplexo o primo de Chico Bento.**

**História II** – Publicada em 1997, na revista número 42, página 77. Título da história:

***Chico Bento em: Nós Vamos invadir sua Lagoa!***

Nessa história mais uma vez fica evidenciada a separação entre o homem do campo e o da cidade. A própria fala de Chico remete a isto, o “pessoal da cidade”, como se fossem seres de outro ‘planeta’, ou seja, muito diferentes dele. O campo é apresentado como um local ermo, tranquilo e de paz, já a cidade é a própria cena do caos. As pessoas chegam, ocupam um local por um curto período de tempo e depois vão embora, deixando seus resíduos e marcas espalhadas por todos os lugares. O “homem da cidade” é representado como alguém capaz de destruir tudo, sem a noção de limite em suas ações e, também, sem noção dos danos que pode vir a causar nos ambientes em que passa e vive (Figura 2).



**Figura 2:** As pessoas vindas da “cidade grande” são mostradas como não tendo noção de seus limites.

**História III** – Publicada em 1999, na revista número 274, página 22. Título da história:

*Magali e Dudu: O que traz o Mar*

A história é contada sem nenhum texto ou palavra, apenas com desenhos, mas fica evidente a mensagem da mesma, que busca mostrar que a sujeira que se encontra na praia, no caso uma garrafa, não deveria estar jogada na areia, e que quem a deixou ali era uma pessoa “porca”.

É uma história longa, com muitos quadros, e que não trata apenas da problemática do lixo descartado em locais inapropriados, mas que busca mostrar, e talvez conscientizar o leitor, de que só deve estar na areia da praia aquilo que o mar traz, e não os dejetos que as pessoas despreocupadamente descartam ali.

A história é longa, mas a mensagem final é bastante direta. Acredita-se, porém, que o autor poderia ter dado mais ênfase às conseqüências que aquele lixo jogado na praia poderá trazer, que não poluirá apenas o chão (Figura 3), mas também as águas, que pode causar doenças, proliferação de microorganismos e que poderá interferir na vida dos seres que vivem naquele ambiente, entre outras, fazendo assim com que a história fosse mais rica em sua proposta.



**Figura 3: A finalização da história mostra-se bastante simplista.**

**História IV** – Publicada em 2000, na revista número 339, página 19. Título da história:

*Piteco em: Animal de Estimação*

A história se passa em diversos quadros, porém com pouco texto. Acredita-se que a história remete à questão da separação homem-natureza. Isto fica claro no último quadro, onde varias espécies de animas estão reunidos “conversando” sobre os humanos, falando sobre como podem domesticá-lo. Fica explícito também o poder do ser humano em utilizar outros animais de acordo com suas vontades. Enquanto Piteco queria caçar, o dinossauro tinha que fugir dele, porém quando mudou de idéia o animal muito feliz se submeteu à domesticação.

Piteco aparece na história em dois momentos diferentes, mas semelhantes. Primeiro ele quer o dinossauro para caçar e se alimentar e depois ele quer o animal junto a si, pois o mesmo pode lhe fazer carinho e companhia. Nos dois momentos há a sensação de posse do animal, seja para comê-lo ou para satisfazer seus desejos.

Dois pontos evidenciam-se nessa história - o antropocentrismo e a dicotomia homem/natureza. O animal se submete aos desejos do ser humano (Piteco), que o usa de diversas maneiras, primeiro querendo matá-lo e depois querendo seu “afeto”. O dinossauro mostra depois aos seus semelhantes, sendo esses vários animas menos o homem, quão fácil é conviver com aquele ser tão diferente (ser humano), se souberem como lidar com ele (separação homem-natureza) (Figura 4).



**Figura 4:** Fica evidenciada a separação entre o ser humano e os outros animais na natureza.

## **2.7 DISCUTINDO OS CONTEÚDOS ANALISADOS**

Após o exercício de decomposição das histórias em quadrinhos nas suas principais partes, exercitando um olhar mais aprofundado, o primeiro ponto a ser destacado sobre os seus conteúdos impressos relaciona-se com a difundida visão que diferencia, separa e afasta as pessoas do campo e as pessoas da cidade (histórias I e II). Segundo Carvalho et al. (1996, p.111), em um de seus estudos baseado em materiais impressos:

O homem é retratado, em alguns materiais, como um ser abstrato, ganancioso, egoísta, destruidor. Daí a necessidade de reformá-lo, transformá-lo, mudar sua “natureza” egoísta e destruidora para uma “natureza” de cooperação e respeito para com o meio ambiente. Fica a impressão de que os autores trabalham mais com a concepção de “natureza humana” do que com a de “condição humana”. Ou seja, são tratados apenas aspectos intrínsecos do homem, sem discutir, entretanto, os aspectos social, econômico e político determinantes dessa “natureza humana”.

A cidade grande e as pessoas que nela vivem são mostradas através dos desenhos, das feições dos personagens e das onomatopéias (história II), como causadores de distúrbio, de poluição, de caos. Esse enfoque dicotômico entre campo e cidade está de acordo com que sugere De Paula (1998), quando diz que a imagem que a sociedade tem como presente para si mostra o cenário rural como algo à parte, separado da cidade.

Ainda levando em consideração a separação entre rural e urbano, é interessante a ênfase dada aos alimentos que são consumidos nesses dois locais (história I). Segundo Beil (1998), exceto os momentos em que comer se torna uma extrema necessidade física, o hábito alimentar está totalmente ligado à sociedade na qual a pessoa se encontra, sendo que a escolha dos alimentos pode estar até mesmo ligada ao desejo da sociedade à qual o indivíduo deseja pertencer.

Em relação às formas de superação dos problemas ambientais enfrentados, é notável a falta de sugestões para reverter as diversas situações apresentadas e que tratam de problemas ambientais (história III). Acredita-se que o discurso que apenas mostra os problemas e não sugere alternativas para solucioná-los é bastante vazio, pois não se educa com catastrofismos ou mostrando apenas os fatos tristes que estão ocorrendo na natureza. É preciso que caminhos possíveis e viáveis sejam apontados, para que os seres humanos possam logo criar mecanismos de reversão dos prejuízos causados aos demais seres da natureza.

Sobre isso Orlandi (1996, p.40) afirma que “não se educa com ameaças e os perigos só são perigos quando se tem uma compreensão mais ampla do “fato” que o produz”, e que o discurso catastrofista não tem eficácia pedagógica. A presença nas HQs do discurso que apresenta os problemas, mas não sugere soluções corrobora o que postulam Viezzer et al.(1996, p.149):

Existem inúmeras soluções que precisam se tornar visíveis. As denúncias são importantes veículos das transformações. Mas caem no vazio se junto com elas não são propostas novas formas de lidar com a realidade. Por isso, a ênfase em equilibrar a denúncia com o anúncio de propostas, soluções e saídas para os problemas apresentados. [...] Esse discurso viciado acaba esvaziando o grande universo que se abre para quem está se iniciando na busca das relações mais harmoniosas com seu meio.

A visão utilitarista dos animais também se mostra presente (história IV), quando os personagens gostam muito dos animais com que convivem, pois ou eles lhe dão algo em troca ou são capazes de “brincar” e “interagir” trazendo alegria ao personagem.

Esse utilitarismo é nada mais do que o reflexo de uma sociedade antropocêntrica, derivada de uma concepção moderna de Ciência, de uma sociedade Pós-Industrial, capitalista e consumista, que atesta serem os humanos os ocupantes da posição central no planeta; tudo está e gira ao redor das necessidades sentidas e inventadas pelos mesmos. Assim se expressam, por exemplo, as representações que denotam humanizar animais e plantas. Esta ótica antropocêntrica mostra o ser humano como sendo algo à parte da natureza, podendo comandá-la e utilizá-la da maneira que achar melhor.

## **2.8 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com esse trabalho buscou-se entender um pouco mais sobre a importância que têm as histórias em quadrinhos, quando vistas como um veículo de comunicação de massa,

capaz de transmitir conceitos ao leitor acerca das problemáticas ambientais, suas causas, conseqüências e possíveis soluções. Analisou-se o discurso que está presente nas histórias, qual a visão dos personagens em relação a sua posição enquanto seres da natureza e quais são os principais artefatos utilizados nesse espaço visando à conscientização do leitor.

Após tal análise, pode-se avaliar a importância que tem as HQs quando vistas como um recurso voltado para o trabalho de educação ambiental informal. Segundo Giesta (2002), através de tais artefatos podem ser veiculadas importantes informações no que diz respeito ao trabalho de conscientização das pessoas. Podem, além disso, servir como material a ser utilizado pelos docentes dentro das salas de aula, oportunizando assim a reflexão e análise sobre os temas propostos.

Realizado o processo de pesquisa e análise proposto para este trabalho, ficam explícitas algumas contradições nas histórias de Maurício de Souza, visto que aquelas que foram tomadas como amostra, se propunham a tratar de alguma problemática ambiental que a sociedade enfrenta. Os conteúdos, porém, são um tanto superficiais, a visão dos personagens é antropocêntrica, não são sugeridas soluções para os problemas apresentados e o ser humano é mostrado como um ser separado dos demais na natureza.

O intuito deste trabalho não é, porém, afirmar que a leitura realizada é a correta, visto que cada leitura é uma nova descoberta, e cada um interpreta um texto a sua maneira. Contudo, o que se pode afirmar depois de ter “entrado em contato” com diversos materiais que discorrem sobre HQs, é que as mesmas têm sim um potencial de alcance muito grande, e que os materiais impressos que buscam trabalhar algumas problemáticas ambientais (no caso algumas histórias dentro de alguma revista de Maurício de Souza) podem fazer aquilo que a princípio se propõem a fazer, discorrendo de maneira a propor soluções, sensibilizando, trazendo novos conceitos sobre natureza para o leitor e fazendo com que o mesmo se veja como parte integrante do ambiente que o cerca.

## **2.9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

AMARAL, M. B. *Representações de natureza e a educação pela mídia*. Porto Alegre: UFRGS, 1997. Dissertação. Mestrado em Educação - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BEIL, S.I. *O Padrão Alimentar Ocidental: considerações sobre mudanças de hábitos no Brasil*. Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação da UNICAMP, São Paulo, v. 6. 1998.

BERNA, V. Jornalismo Ambiental. In: SATO, M. e SANTOS, J. E. *A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora*. São Carlos: Rima, 2001. p.159 – 171.

BRASIL. *Lei nº6.938*, de 31 de agosto de 1981: dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial, 2 de setembro de 1981.

\_\_\_\_\_. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Diário Oficial, 5 de outubro de 1988.

\_\_\_\_\_. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Ministério da Educação e do Desporto. Brasília, 1996.

\_\_\_\_\_. *Lei nº 9.796*, de 27 de abril de 1999: dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial, 28 de abril de 1999.

CARAVEO, L. M. N. Apresentação. In: SATO, M. e SANTOS, J. E. *A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora*. São Carlos: Rima, 2001. p.IX – XII

CARVALHO, I. C. M. *A invenção ecológica: sentidos e trajetórias da educação ambiental no Brasil*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CARVALHO, L.M. CAMPOS, M.J.O. CAVALARI, R.M.F., MARQUES, A. MATHIAS, A. e BONOTTO, D. Conceitos, Valores e Participação Política. In: TRAJBER, R. e MANZOCHI, L.H. (orgs) *Avaliando a Educação Ambiental no Brasil: Materiais Impressos*. São Paulo: Editora GAIA, 1996. p.77 – 119.

COELHO, N.N. A Educação Ambiental na Literatura Infantil como Formadora de Consciência de Mundo. In: TRAJBER, R. e MANZOCHI, L.H. (orgs) *Avaliando a Educação Ambiental no Brasil: Materiais Impressos*. São Paulo: Editora GAIA, 1996. p.59 – 76.

DE PAULA, S. G. O country no Brasil contemporâneo. In: *Brasil Ser(tão) Canudos*. História, Ciências, Saúde. Manguinhos. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz. Vol. V. pp 273-286, 1998a.

GIESTA, N.C. *Histórias em Quadrinhos: Recursos da Educação Ambiental*. In: RUSCHEINSKY, A. (org.) *Educação Ambiental: Abordagens Múltiplas*. Porto Alegre: ARTMED, 2002. p.157 – 168.

GRÜN, M. *A Outridade da Natureza na Educação Ambiental*. 27ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação, 2003. Disponível em: <[http://siaiweb03.univali.br/geea22/arquivos/grun\\_mauro.pdf](http://siaiweb03.univali.br/geea22/arquivos/grun_mauro.pdf)>. Acesso em: 05 de julho de 2007.

JOHN, L. A Imprensa “Especializada”: Um Papel ainda Incerto na Educação Ambiental. In: TRAJBER, R. e MANZOCHI, L.H. (orgs.) *Avaliando a Educação Ambiental no Brasil: Materiais Impressos*. São Paulo: Editora GAIA, 1996. p.153 - 172.

KRAEMER, M. E. P. & MARTINS, J.G. *Educação a Distância no Ensino Superior: um olhar para a Sustentabilidade*. 2004. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2004/>. Acesso em: 05 de julho de 2007.

LAYRARGUES, P.P. Prefácio. In: SATO, M. e SANTOS, J. E. *A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora*. São Carlos: Rima, 2001. p.XIII – XVIII.

MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. *Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou complementaridade?* Cadernos de Saúde Pública, v.9, p. 239-262. 1993.

NATAL, C.B. Estereótipos e produção de sentido nos quadrinhos de Chico Bento - Uma análise de discurso nas HQs do personagem Chico Bento, identificando os elementos de funcionamento de seu universo ficcional. *Revista Comunicação em Agrobusiness e Meio Ambiente*, v.2, n.2, 2005. Disponível em: <<http://www.agricoma.com.br/rev2artigoCrhisBenjamimNatal.htm>>. Acesso em: 25 de junho de 2007.

ORLANDI, E.P. O Discurso da Educação Ambiental. In: TRAJBER, R. e MANZOCHI, L.H. (orgs) *Avaliando a Educação Ambiental no Brasil: Materiais Impressos*. São Paulo: Editora GAIA, 1996. p.37 – 57.

SATO, M. Educação para o Ambiente Amazônico. São Carlos: Tese de Doutorado, PPG-ERN/UFSCar, 1997, 235 p.

TRISTÃO, M. *As Dimensões e os Desafios da Educação Ambiental na Sociedade do Conhecimento*. In: RUSCHEINSKY, A. (org.) Educação Ambiental: Abordagens Múltiplas. Porto Alegre: ARTMED, 2002. p.169 – 182.

VIEZZER, M. RODRIGUES, C.L. & MOREIRA, T. Relações de Gênero na Educação Ambiental. In: TRAJBER, R. e MANZOCHI, L.H. (orgs) *Avaliando a Educação Ambiental no Brasil*: Materiais Impressos. São Paulo, Editora GAIA, p.138 – 152, 1996.

ZITZKE, V. A. Educação Ambiental e Ecodesenvolvimento. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. v. 9, 2002. Disponível em: <http://www.remea.furg.br/mea/remea/vol9/a13art16.pdf>. Acesso em: 08 de outubro de 2007.

## **CAPÍTULO 3**

### **HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO MATERIAL DIDÁTICO ALTERNATIVO PARA O TRABALHO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

#### **ABSTRACT**

We accept that environmental problematics can be known by most of the society, and reach people of all ages and (in)formation levels, through the media. Comic strips, in the case of this study, are considered a very important medium for the information, meaning production and sensitization of children, young and old people.

In the present study, we attempted to analyze the contents related to the environmental thematic that are part of the plot of Maurício de Souza's comic strips, and its importance as a diffuser of opinions, knowledge, representations and concepts on the field of environmental science. These concepts can be explicit or implicit in the content of the comic strips that are about environmental thematics, so we attempted as well to show which are the main artefacts (images, words and signs) used in this space, that aim a sensitization of the reader.

**Keywords:** Comic strips, environmental thematic, sensitization.

#### **RESUMO**

Concebe-se que problemáticas ambientais podem chegar ao conhecimento de grande parte da população, e atingir pessoas de todas as idades e níveis de (in)formação, através dos meios de comunicação. As histórias em quadrinhos, no caso deste estudo, são consideradas um veículo muito importante para a informação, produção de significados e tentativa de sensibilização das crianças, jovens e adultos.

No presente estudo, buscou-se analisar os conteúdos relacionados à temática ambiental que fazem parte do enredo das histórias em quadrinhos de Maurício de Souza, e sua importância como difusores de concepções, saberes e conceitos do campo das ciências ambientais. Tais conceitos podem estar explícitos e/ou implícitos no conteúdo das histórias que buscam tratar de temáticas ambientais, portanto buscou-se também mostrar quais são

os principais artefatos (imagens, palavras e signos) utilizados nesse espaço, visando à sensibilização do leitor.

**Palavras- chave:** Histórias em quadrinhos, temática ambiental, sensibilização.

### **3.1 INTRODUÇÃO**

A leitura, compreendida como uma prática capaz de produzir significados para seus leitores, pode ser entendida como tendo grande importância no que diz respeito ao processo de sensibilização das pessoas em relação aos problemas ambientais enfrentados na atualidade.

Por isso, as práticas relacionadas à educação ambiental já não se restringem apenas à sala de aula. Muitas vezes o aluno/sujeito poderá apreender o mundo que o cerca, preocupando-se em buscar soluções para os atuais/futuros problemas ambientais, se tiver a oportunidade de entrar em contato com este mundo, em diferentes tipos de atividades que extrapolem os muros escolares, como contato com veículos da mídia, saídas a campo, jogos lúdicos, entre outros.

Levando-se em conta que as questões ambientais trazem consigo muita complexidade e que atravessam as diversas áreas do conhecimento humano, sendo uma espécie de teia que liga esses conhecimentos, é possível pensar os meios de comunicação como formadores de opinião. Quer seja sobre os problemas sócio-ambientais, quer seja sobre outras temáticas contundentes, é necessário que se utilize seu poder de penetração e persuasão, contribuindo assim para a formação de seres humanos conscientes da sua inserção nos ambientes naturais e culturais. Portanto, histórias em quadrinhos (HQs) que tratem de questões ambientais são um material a ser incluso no trabalho de sensibilização da população, repasse do conhecimento e difusão de informações.

### **3.2 SER HUMANO E NATUREZA: UMA DICOTOMIA ERRÔNEA**

Analisar as relações estabelecidas pelo *Homo sapiens sapiens*, desde seu surgimento na Terra há aproximadamente 50 mil anos atrás, nos remete a um conjunto de atitudes/pensamentos/concepções de poder. Ou seja, provavelmente desde os primórdios de sua aparição o ser humano relacionou-se com o restante da natureza de maneira autoritária

e dominadora, delegando-se o status de ser supremo e absoluto entre todos os outros existentes.

A respeito desta relação de poder e separação estabelecida pelo ser humano e seus pares e a natureza, Marcolla (2002) considera que uma tendência marcante nas sociedades ocidentais, relativa à relação homem-natureza é aquela relacionada a uma dicotomia entre essas duas instâncias. Ou seja, pode-se falar de uma tendência que compreenderia a sociedade, e, portanto o humano, em oposição à natureza; sendo a sociedade vista como uma superação da condição natural, onde a produção de cultura e de sociedade implicaria uma superação de uma condição inferior, animal, natural.

Baggio et al (2002) afirmam que a tradição do pensamento ocidental prima pelo unívoco, ou seja, pela hegemonização de todas as coisas, sendo o diferente algo a ser rejeitado. Tal pensamento nos leva à dicotomização, sendo que o diverso deve ser vencido e, se possível, eliminado. Pode-se com isso fazer alusão à relação homem-natureza, sendo a mesma dicotomizada a tal ponto que os elementos e seres que fazem parte da natureza geralmente são antropocentrizados pelo ser humano em suas falas e atitudes, nos remetendo novamente à questão de dominação, como se tudo e todos devessem ser apenas uma extensão do corpo e mente humana.

É necessário que haja uma mudança destas concepções dicotômicas geradas e incorporadas pela sociedade ocidental, e mais ainda, é preciso que sejam revistas as noções de meio ambiente e natureza, para que ocorram modificações na forma de relação do homem com o ambiente. É preciso entender que, segundo Duvoisin (2002), à medida que o ser humano foi se distanciando da natureza e passou a encará-la como uma gama de recursos disponíveis a serem transformados em bens consumíveis, começaram a surgir os problemas socioambientais ameaçando a sobrevivência do planeta e do próprio ser humano. As tramas tecidas pelo homem com o meio ambiente precisam ultrapassar a visão de sujeito-objeto, pois nas últimas décadas tal modo de pensar/agir vem nos mostrando diversas conseqüências negativas para a sociedade/natureza como um todo: esgotamento dos recursos naturais, aquecimento global, efeito estufa, extinção de espécies, desertificação, entre outras.

### 3.3 OS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO MUNDO OCIDENTAL

Lisbôa (2006, p. 12) sugere que:

A preocupação com a degradação do meio ambiente começa a ser evidenciada no mundo em meados das décadas de 60 e 70, quando as primeiras respostas da natureza frente à exploração desenfreada do modelo econômico vigente na época, de otimização, crescimento e progresso da produção a qualquer custo, sem levar em conta o possível esgotamento dos recursos naturais, tornam-se perceptíveis e visíveis. No âmbito educativo, o indivíduo era formado sob um modelo tecnicista de ensino escolar e universitário, objetivando a eficiência e a produção no trabalho, sem que fosse necessário refletir sobre as conseqüências da maneira de pensar e agir política e economicamente.

Ainda segundo a autora, “os olhares mundiais começam então a se voltar para a criação de políticas ambientais, para a mudança dos valores vigentes até então, do ser humano como cerne do mundo e com direitos e deveres sobre a natureza, de utilização, manipulação e exploração da mesma” (Ibidem). É neste momento então que, por volta da década de 70 começam a despontar em âmbito mundial as primeiras tentativas de debate sobre meio ambiente e educação ambiental, inicialmente vista como pura e simplesmente ecologia aplicada.

Antes de percorrer a trajetória da educação ambiental (EA), com seus encontros, conferências e legislação, é necessário refletir sobre o conceito que esta área do conhecimento leva para si. Segundo Carvalho (2001), o foco de uma educação dentro do paradigma ambiental tenderia a compreender, para além de um ecossistema natural, um espaço de relações socioambientais historicamente configurado e dinamicamente movido pelas tensões e conflitos sociais. Ou seja, EA não é uma educação “para”, ela é sim uma educação que engloba diferentes as áreas do saber, uma educação holística, que além de conteúdos propriamente ditos busca resgatar as relações e impressões do sujeito com o ambiente que o cerca, sensibilizando o indivíduo para uma mudança de atitudes/concepções relativas ao meio ambiente, buscando assim encontrar maneiras de trabalhar individual e coletivamente em busca da prevenção de problemas ambientais futuros. Foi então nesta busca que surgiram os primeiros discursos e acontecimentos relativos às discussões ligadas ao meio ambiente e EA.

Segundo Layrargues (2001, p.3):

Desde a metade dos anos 60 já se ouve falar da educação ambiental como a contribuição da educação face à crise ambiental.

Precisamente em março de 1965, a Conferência em Educação realizada na Universidade de Keele na Grã-Bretanha, pronuncia-se pela primeira vez o termo educação ambiental.

Ainda segundo o autor, desde esta data, começa uma “trajetória de crescente interesse entre aqueles preocupados com a conversão de comportamentos e valores sociais anti-sustentabilistas para sustentabilistas” (Layrargues , 2001, p. 3):

Um dos primeiros marcos no debate ambiental internacional foi a publicação, nos Estados Unidos em 1962, de um livro que viria a levantar questionamentos em relação ao uso de pesticidas e agrotóxicos, intitulado *Silent Spring* (Primavera Silenciosa), de Rachel Carson. Este livro fez com que os americanos, e mais tarde outras sociedades, começassem a se preocupar com as ações humanas de degradação do meio ambiente, no momento em que a autora aponta os prejuízos e perigos da utilização de pesticidas e agrotóxicos em lavouras. “Ao ser publicado na década de 60, o livro *Primavera Silenciosa*, da jornalista norte-americana, Rachel Carson, já chamava a atenção para os problemas relativos à interferência do homem no meio ambiente” (Telles et al, 2002, p. 29)

O primeiro grande momento da educação ambiental ao nível mundial acontece no ano de 1972, quando se realizou a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano – a Conferência de Estocolmo. Pedrini (1998, p.26) afirma que essa Conferência “é um marco histórico internacional de emergência de políticas ambientais em muitos países, inclusive no Brasil”. Fica explícita, desde então, a necessidade de se inserir as discussões sobre as problemáticas ambientais no campo da educação e suas políticas de formação. No encontro foram colocados como prioridade, também, o aperfeiçoamento de professores e a criação de novos métodos para a implementação da já reconhecida educação ambiental nos países.

No ano de 1975, a UNESCO promove a Conferência de Belgrado, como fruto da inspiração gerada através da Conferência de Estocolmo. Durante a mesma, foi planejado um seminário internacional sobre EA, que acabou por ocorrer em Belgrado, ex-Iugoslávia. Segundo Pedrini (1998, p.26), a Conferência de Belgrado reuniu especialistas de 65 países e produziu a Carta de Belgrado:

Esta preconizava uma nova ética planetária para promover a erradicação da pobreza, analfabetismo, fome, poluição, exploração e dominação humanas. Censurava o desenvolvimento de uma nação às custas de outra,

buscando-se um consenso internacional. Sugeriu também a criação de um Programa Mundial em Educação Ambiental .

O Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA) foi criado pela UNESCO no mesmo ano da Conferência de Belgrado, 1975, após sugestões dadas na Conferência de Estocolmo em sua recomendação número 96 (Layrargues, 2001).

No ano de 1977 novamente a UNESCO e o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) promovem em Tbilisi, Geórgia, ex-URSS, a primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, que ficou conhecida como Conferência de Tbilisi. Nesta Conferência, considerada hoje um dos grandes marcos em EA, foram elaborados os objetivos, princípios, estratégias e recomendações para a educação ambiental. Postulou-se que a educação ambiental é um elemento essencial para uma educação global, orientada para a resolução dos problemas através do mecanismo coletivo da participação ativa dos educandos na educação formal e não-formal, em favor do bem-estar da comunidade humana. Nessa Conferência ficou clara a idéia da interdisciplinaridade como uma das chaves para a resolução de problemas ambientais.

Segundo Sato (1997, p.86), mundialmente a definição mais conhecida da EA é da Conferência de Tbilisi:

A educação ambiental é um processo de reconhecimento de valores e clarificação de conceitos, objetivando o desenvolvimento das habilidades e modificando as atitudes em relação ao meio, para entender e apreciar as inter-relações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios biofísicos. A educação ambiental também está relacionada com a prática das tomadas de decisões e a ética que conduzem para a melhoria da qualidade de vida.

Em 1987 em Moscou, foi realizada a terceira Conferência organizada pela UNESCO – A Conferência de Moscou, que segundo Pedrini (1998, p. 29) “visou fazer uma avaliação sobre o desenvolvimento da EA desde a Conferência de Tbilisi, em todos os países membros da UNESCO”. Segundo Loureiro (2003, p.46) a Conferência “ênfatizou o estímulo à organização de redes de informação e comunicação entre os profissionais”.

Finalmente no mês de junho de 1992, foi realizada no Rio de Janeiro a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD). Esse evento ficou conhecido como um dos maiores acontecimentos históricos na área da EA, reunindo 182 países do mundo inteiro. A CNUMAD deixou como legado da discussão dos princípios e deveres da EA cinco acordos oficiais, entre eles a Agenda-21. Gadotti (2001) afirma

tratar-se de um volume composto de 40 capítulos com mais de 800 páginas, sendo um detalhado programa de ação em matéria de meio ambiente e desenvolvimento. Dias (2002) completa ainda que se trata de um plano de ação para o século XXI visando à sustentabilidade da vida na Terra.

Ainda no ano de 1997, foi realizada outra Conferência em Tessalonique, na Grécia, que buscou discutir alternativas para a EA no terceiro milênio (Pedrini, 1998). Foram realizados, também, os Fóruns Rio+5 e Rio+10 para discutir quais as medidas já tomadas, após as quase três décadas de discussões sobre as alternativas possíveis em relação aos problemas ambientais enfrentados e sobre EA.

### **3.4 EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL**

Nas décadas de 70 e 80 no Brasil, a educação ambiental era debatida em sala de aula através de temas relacionados com princípios e noções de ecologia, com pouco aprofundamento teórico (Loureiro, 2003).

Em 1973, é criada a Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA), buscando a capacitação de profissionais na área e apresentando os primeiros sinais de alerta para a população sobre os desastres ecológicos e desequilíbrios ambientais. Em 1981, através da Lei nº 6938/81, é criada a Política Nacional de Meio Ambiente (PNMEA), que procurou estabelecer no âmbito legislativo a necessidade de inclusão da educação ambiental em todos os níveis de ensino.

Porém, é no ano de 1988 que a EA toma formas mais consistentes no Brasil, quando por fim é citada na Constituição Federal. É no seu capítulo VI que a Constituição trata da temática, com destaque para o artigo 225. Segundo Seiffer (1998, p.110) “a Constituição Federal de 1988 foi a primeira a tratar deliberadamente da questão ambiental e assumiu tratamento da matéria em termos amplos e atuais”. No artigo 225, parágrafo 1º, inciso VI, pode-se ler que compete ao poder público: “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente”.

Segundo Carvalho (2004), em 1994 é criado o Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA), elaborado conjuntamente pela Diretoria de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente (DEA/MMA) e pela Coordenação Geral de Educação

Ambiental (COEA/MEC). O programa tem como objetivo promover a articulação das ações educativas voltadas às atividades de proteção, recuperação e melhoria sócio-ambiental, e de potencializar a função da educação para as mudanças culturais e sociais.

No ano de 1996, o Ministério da Educação define e divulga os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que trazem o tema meio ambiente como um tema transversal, incluído e perpassando as várias áreas ou disciplinas escolares. Os PCN's atestam a prioridade em promover a construção coletiva de idéias e ações, que possam vir a diminuir a degradação ambiental, o conhecimento local e cotidiano e a construção de uma ética ecológica (Loureiro, 2003).

Em 1999, mediante a Lei nº 9795 de 27/04/1999, foi instituída a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA). É interessante destacar que em seu artigo 10º a PNEA adverte que a EA não deve ser implantada como disciplina específica nos currículos nacionais, a não ser em cursos de pós-graduação, quando se fizer necessário, é facultada a criação de disciplina específica. Salienta-se assim o caráter de transversalidade da EA podendo e devendo ser abordada em todos os campos do saber e em diferentes instituições educativas.

Para o presente trabalho também é interessante destacar o artigo 2º da lei de PNEA, pois afirma que: “a educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e **não-formal**” [grifo nosso]. Como educação de caráter não-formal pode-se pensar aquela que se dá fora da sala de aula e que é realizada também através dos meios de comunicação. Sobre isso a lei de PNEA em seu artigo 3º discorre o seguinte:

Como parte do processo educativo mais amplo, todos têm direito à educação ambiental, incumbindo: I - ao Poder Público, nos termos dos arts. 205 e 225 da Constituição Federal, definir políticas públicas que incorporem a dimensão ambiental, promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e o engajamento da sociedade na conservação, recuperação e melhoria do meio ambiente [...]IV - **aos meios de comunicação de massa, colaborar de maneira ativa e permanente na disseminação de informações e práticas educativas sobre meio ambiente e incorporar a dimensão ambiental em sua programação** [grifo nosso].

### 3.5 EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA ALÉM DOS MUROS ESCOLARES

Levando-se em consideração as informações citadas nos artigos 2º e 3º da lei de PNEA, pode-se pensar EA como uma educação voltada para o todo, ou seja, englobando as relações do sujeito com seu meio ambiente, as concepções formuladas no decorrer dos processos cognitivos de desenvolvimento do indivíduo, sua forma de agir e pensar o mundo, suas relações interpessoais.

Atualmente pode-se notar nos discursos relativos à EA uma série de recomendações em relação a esta área do saber; sugere-se a abordagem interdisciplinar, transversal, disciplinar, multidisciplinar, entre outras. Por vezes tais conceitos nem mesmo são compreendidos pelos docentes que o usam, ou que caminham em busca de uma atuação voltada para os mesmos. Porém é inegável a atual inserção de temas ambientais nos currículos escolares, denotando assim a preocupação das diversas disciplinas/áreas de conhecimento em estarem inseridas no debate das questões ambientais.

Salienta-se, todavia, que as práticas de educação ambiental não se restringem apenas à sala de aula. Muitas vezes o aluno/sujeito poderá apreender o mundo que o cerca, preocupando-se em buscar soluções para os atuais/futuros problemas relacionados ao meio ambiente, se tiver a oportunidade de entrar em contato com este mundo, em diferentes tipos de atividades que extrapolem os muros escolares, como contato com veículos da mídia, saídas a campo, jogos lúdicos, entre outros. Os estudantes se beneficiam com um currículo que inclua a oportunidade para a experiência, desenvolvendo o conhecimento sobre o ambiente e o papel de cada um neste.

Pode-se muitas vezes pensar que um filme *hollywoodiano*, uma novela do horário nobre e uma revista em quadrinhos são apenas passatempos, algo que se busca apenas nas horas vagas, a serem preenchidas com algo que não faça pensar muito e que divirta ao mesmo tempo. As histórias em quadrinhos coadunam-se com estes ingredientes de divertir ensinando ou ensinar divertindo. Disto resulta um material impresso com um importante potencial de gerar aprendizagens e trocas de informação, bem como de ser tratado como objeto de estudo, sobretudo se analisarmos seus conteúdos.

Entende-se que a educação não-formal é aquela que se dá fora da sala de aula, e quando se pensa nas histórias em quadrinhos como um meio escrito de cobertura extensiva,

pode-se levar em conta o grande potencial expressivo dos quadrinhos, as inúmeras possibilidades de utilização conjugada do texto e da imagem e sua grande popularidade e penetração. As HQs podem trazer consigo temas de relevante interesse como, por exemplo, a dimensão ambiental. Segundo Kaufman e Rodriguez (1995), as histórias em quadrinhos combinam imagem e texto escrito, constituindo um código específico, procurando a participação ativa do leitor por via emocional, anedótica, assistemática, concreta.

### **3.6 HQS COMO OBJETO DE ESTUDO: ARTEFATO CULTURAL FORMADOR DE OPINIÃO**

Figueiredo (2001) sugere que a mídia, por intermédio de seus meios de comunicação, ao atingir a população em geral, leva notícias das mais variadas, sendo que os seus veículos de massa (televisão, rádio, jornais, revistas e internet) podem ser considerados poderosos aliados junto à educação, pois desde que o homem conseguiu utilizar pela primeira vez sons e signos, a sociedade moderna habituou-se a adquirir informações através destes meios.

Giesta (2002, p.161) sugere que:

Em paralelo às iniciativas de educação formal via currículo escolar, iniciativas de educação informal vão ganhando corpo. Textos propagando mensagens de atenção ao meio ambiente, no que se refere à proteção, preservação, conservação e recuperação ambiental são cada vez mais presentes em reportagens, propagandas, letras de músicas, embalagens de produtos industrializados, histórias em quadrinhos e tantos outros “portadores de textos”.

Segundo Gadotti (2000) a escola está desafiada a mudar a lógica da construção do conhecimento, pois a aprendizagem agora ocupa toda a nossa vida. Partindo desta afirmação, pode-se entender que o processo de aprendizagem ocorre diariamente na vida de todos os cidadãos, seja através das informações transmitidas pelos meios de comunicação, seja pelas relações interpessoais cotidianas.

É interessante pensar que o conhecimento sobre os problemas ambientais podem chegar ao conhecimento das mais diversas camadas sociais e atingir pessoas de todas as idades e níveis de (in)formação, através dos meios de comunicação. As histórias em quadrinhos, no caso deste estudo, são consideradas um veículo muito importante no que diz respeito à transmissão de informações, produção de significados e tentativa de sensibilização das crianças, jovens e adultos por serem de leitura fácil, agradável e divertida. Barcelos (2001) ressalta que a interpretação de um problema ecológico como

texto, vai além da leitura e da escrita propriamente dita, e que é necessário que se ampliem alguns horizontes e se extrapole os limites da compreensão baseados apenas no texto, ou seja, é necessária uma interpretação das representações que estão inseridas nos sons, nas cores, imagens e desenhos (recursos esses abundantes nas HQs).

Levando-se em conta que as questões ambientais trazem consigo muita complexidade e que atravessam as diversas áreas do conhecimento humano, sendo uma espécie de teia que liga esses conhecimentos, é possível pensar os meios de comunicação não apenas como veículos de repasse de informações. Quer seja sobre os problemas sócio-ambientais, quer seja sobre outras temáticas contundentes, é necessário que se utilize seu poder de penetração e persuasão, contribuindo assim para a formação de seres humanos conscientes da sua inserção nos ambientes naturais e culturais.

### **3.7 AS HISTÓRIAS ANALISADAS E AS MENSAGENS EXPLÍCITAS/IMPLÍCITAS**

Essa pesquisa teve como principal objetivo analisar os conteúdos presentes nas HQs de Maurício de Souza, concebidos como difusores de conteúdos relacionados com temáticas ambientais, sendo os mesmos ligados à tentativa, por parte do autor, de trazer novos conceitos sobre proteção, preservação, ambiente, recuperação ambiental, conservação, entre outros que estejam ligados à temática e problemática ambiental. Tais conceitos/conteúdos podem estar presentes explícita e/ou implicitamente no conteúdo das histórias que buscam tratar da temática ambiental, portanto esse trabalho busca também mostrar quais são os principais artefatos (discursos/imagens/representações) utilizados nesse espaço, visando à sensibilização do leitor.

Foram selecionadas seis histórias para fazerem parte da presente pesquisa - entre os anos de 2001 e 2006, uma história para cada ano. A seleção da história dentro de cada revista dos anos selecionados deu-se de maneira direcionada, buscando utilizar aquelas que tivessem um maior enfoque/aprofundamento no debate de questões ambientais.

### **3.8 AS MENSAGENS DAS HISTÓRIAS ANALISADAS**

**História I** – Publicada em 2001 na revista número 65, página 13 - Título da história:

*Bidu em: Respeito à Vida*

Na seqüência inicial de quadros, o cão Bidu está passeando e encontra um pequeno rio, estando do outro lado da margem uma cadelinha maquiada e arrumada (figura humanizada). Ele tenta atravessar o rio nadando, mas quando chega do outro lado, está todo sujo e a cadelinha então sai correndo espantada com sua sujeira. Bidu então esbraveja dizendo: “Droga, tudo por causa desse rio poluído! E no quadro seguinte (quadro V), aparece um cano de esgoto ligado diretamente a um corpo d’água. Bidu olhando para o cano diz: - E de quem é a culpa? Dos Humanos!”

Nos quadros seguintes Bidu passa por diversos cenários de locais poluídos por fumaça, de desrespeito entre as pessoas, de desmatamento, etc. Aparecem algumas frases de impacto pronunciadas por Bidu, como por exemplo: “A sua sociedade é a mais desigual de todas as espécies!” ou “Com que direito tomaram o mundo para si? O mundo deveria pertencer a todos por igual!”.

Esta história transmite uma certa sensação de tristeza e melancolia ao leitor, pelas frases usadas por Bidu, por suas feições no decorrer dos quadros e pelos exemplos de desrespeito do ser humano em relação aos outros seres. O diálogo que Bidu estabelece com o leitor é bastante direto, no qual ele culpa a espécie humana pelos males que ocorrem na natureza como um todo.

**História II** – Publicada em 2002, na revista número 67, página 14 - Título da história:

### *Horácio*

A história se passa em poucos quadros, com diversas falas entre os personagens. Horácio está comendo algumas alfaces, com um semblante muito feliz, quando um de seus amigos, o Tecodonte se aproxima dele e diz: “Decididamente você é um criminoso, Horácio!” Tecodonte diz isso, pois Horácio à medida que vai comendo as alfaces, joga os talos no chão, onde vão se acumulando.

Nos quadros seguintes, os amigos caminham juntos, dirigindo-se até um local no qual Tecodonte possa comer suas bananas e côcos. Horácio fica olhando seu amigo comer, e quando o mesmo vai jogar uma casca de banana no chão, Horácio lança um olhar repressor. Os dois conversam e Tecodonte diz: “mas não dá, né, Horácio?” Referindo-se a comer as cascas de banana. Horácio repete a fala de Tecodonte nos quadros anteriores,

explicando que se ele jogar aqueles restos no chão, vão virar uma montanha no final do ano.

Fica explícito, através das falas dos personagens, o fato das pessoas pensarem que só os seus resíduos não fazem diferença, e que uma pessoa sozinha não é responsável pelo acúmulo de detritos nos locais. Nesta história fica claro que cada um é responsável pelo mundo que constrói, devendo fazer sua parte e começando a mudança por si mesmo.

Porém, um outro ponto muito interessante é a transferência da responsabilidade para o outro. Isso fica claro quando observamos que Tecodonte repreende Horácio quando o mesmo joga talos de alface no chão, porém ele mesmo queria jogar suas cascas de banana. Ele está transferindo para o outro (no caso, Horácio) a responsabilidade pelo que pode vir a acontecer. Um padrão de reação frente a problemas ecológicos é exatamente este: não enxergar-se como agente causador dos danos ambientais e sociais. Os outros são os responsáveis.

### **História III – Publicada em 2003, na revista número 366 - Título da história:**

#### ***Magali em: Cada Lixo no seu Lixo***

A história se passa em diversos quadros, sem nenhum texto, exceto por alguns objetos ou locais em que algumas palavras estão escritas, como por exemplo, uma lata onde se pode ler: lixo.

Nesta história, além do autor tentar passar para o leitor a mensagem de que resíduos devem ser descartados no lixo, e não nas ruas e no chão, existe a preocupação em mostrar que cada resíduo tem seu lugar certo, sendo importante a separação dos mesmos nas suas diferentes classes, divididas em mais do que lixo seco e orgânico na história, mas em papel, plástico e metal.

A história é um pouco extremista, pois ao final Magali coloca todas os outros personagens em um depósito de lixo, como se descartá-los fosse a solução. Ela coloca o problema longe de seus olhos, mas não busca trazer uma solução viável para o mesmo. A história reforça a culpa do ser humano pelos problemas que acontecem, e mostra o mesmo como um ser totalmente despreocupado com os impactos ambientais (todos os outros personagens que não a Magali) que pode vir a causar no ambiente que o cerca.

**História IV** – Publicada em janeiro de 2004, na revista numero 433 - Título da História:

***Papa-Capim em: É só Gritar mais Alto***

A história se passa em uma aldeia indígena, onde mora Papa-Capim. O enredo todo gira em torno da possibilidade de Papa-Capim poder espantar os animais da mata com um grito mais alto do que o deles.

A leitura inicia com Papa-Capim e seu amigo do peito comentando a sabedoria do Cacique Ubiraci, e sobre sua habilidade em imitar os animais, dando um grito mais forte que o deles. Nas primeiras falas, já aparece a idéia do homem não ser um animal como os outros e não fazer parte da natureza.

Os meninos percorrem a mata procurando alguns animais, e Papa-Capim mostra ao seu amigo que pode afugentar todos eles, gritando mais alto. Eles encontram jacarés, onças, cobras e uma série de outros animais, sendo que todos saem apavorados quando Papa-Capim grita com eles. Mais uma vez nessa história os animais aparecem com semblantes humanizados.

Nos quadros finais os garotos estão ainda percorrendo a mata, mas o que encontram pela frente são árvores cortadas, rios poluídos, barracas e fogo espalhado por alguns locais. As cenas deixam claro que alguém esteve por ali devastando o local. Uma fábrica imensa soltando fumaça pela chaminé aparece no penúltimo quadro, e os garotos com semblantes tristes e como que passivos àquilo olham para ela. No último quadro os garotos olham muito tristes para o Cacique Ubiratan, que diz: Como é que é? Quer que eu ensine qual o barulho que os caraíbas fazem?

É possível depreender da história dois pontos interessantes. Primeiro a visão que os garotos da mata fazem do homem como um ser à parte da natureza, e segundo a visão de que o caraíba, o homem da cidade, é um ser devastador e os índios não têm como se defender disso, ficando passivos frente a eles.

**História V**– Publicada em 2005 na revista número 232, página 49 - Título da história:

***Marina***

A história toda se passa em sete quadros, não trazendo nenhum texto, excetuando-se o último, no qual está escrito Achados e Perdidos em uma casa.

A personagem Marina, uma garota que adora fazer desenhos, está caminhando com sua pasta e seus lápis em mãos, procurando alguma paisagem, ou algo interessante para desenhar. A personagem, porém, não encontra nada agradável para pintar, pois em sua caminhada passa apenas por ambientes degradados.

No quadro final a personagem chega até uma casa, onde uma mulher se encontra em uma espécie de janela, como se fosse um guichê de atendimento, e acima dela existe uma placa escrita Achados e Perdidos. Marina com um olhar triste e uma lágrima escorrendo em seu rosto está se dirigindo à mulher, e de sua boca sai um balão que não contém nenhuma frase, porém o desenho de um local belo aos olhos, onde as águas não estão poluídas, as árvores não foram cortadas e os animais estão sorrindo.

Essa história traz a sensação de perda daquela natureza bucólica. A natureza buscada pela personagem é um local de paz e de harmonia, onde os seres convivem tranqüilamente (porém a figura humana não está presente). A idéia que a personagem traz é a de natureza intocada, distante e bela aos olhos.

**História VI** – Publicada em 2006 na revista numero 235, página 55 - Título da história:

### *Turma da Mata em Mundo Animal II*

No primeiro quadro aparece uma raposa caminhando, como se estivesse olhando para a pessoa que lê a historinha, em um local coberto de neve e no quadro existe uma legenda com a seguinte frase: “A raposa é um mamífero carnívoro!”. Um homem então mede a raposa, já em um local totalmente diferente, sem neve, com alguns arbustos aparecendo ao fundo. O desenho dá a impressão de que a raposa estava caminhando e parou para ser medida pelo homem. Ela está desenhada como se estivesse com um leve sorriso no rosto, muito tranqüila. Aparece uma legenda: “Mede uns 70 cm em média...”

No quadro seguinte aparece um casal deitado em uma cama, como se estivesse tentando dormir, mas estão com rostos espantados, e da janela vem um cacarejar de galinhas. A legenda diz: “A raposa tem fama de ser um animal esperto...”

Na próxima legenda está escrito: “...e que sempre causa prejuízo aos fazendeiros..”. Aparece o mesmo homem que tentava dormir olhando para dentro de um galinheiro, com uma espingarda na mão e um semblante nervoso, enquanto as galinhas olham para a raposa que está sentada se fingindo passar por uma delas. De sua boca sai um balão com uma nota musical, como se estivesse assoviando, seus olhos estão virados para cima, tentando se disfarçar.

Até esse quadro, a raposa é representada como uma figura humanizada, ou com sorriso no rosto, ou mesmo com feições de humano. Ela é classificada com adjetivos como esperto, e no quadro V aparece tentando se disfarçar dentro de um galinheiro. Diz-se dela que sempre causa prejuízo aos fazendeiros, ou seja, aos humanos.

No quadro seguinte, a legenda diz: “Por isso, em alguns países costuma-se realizar a caça à raposa!”. Neste quadro a raposa está correndo com um semblante de medo, e atrás dela estão correndo cachorros e dois cavalos, sendo que um homem com um rosto tranquilo e sorrindo guia um deles. Neste quadro, a legenda vem com uma frase que justifica o porquê das raposas serem caçadas: pois sempre causam prejuízo aos fazendeiros.

O próximo texto é ainda mais antropocêntrico: “Mas as raposas também podem ser úteis ao homem! Quando caçam os roedores que acabam com as plantações, por exemplo...”. A raposa aparece farejando algo dentro de uma toca, e um fazendeiro a olha de longe, mostrando-se satisfeito. Fica explícita a separação entre animais úteis e nocivos ao homem! O “mas” no início da frase dentro da legenda mostra que as raposas nem sempre são causadoras de prejuízo, afinal, elas também têm sua utilidade!

Nos próximos quadros e até o final da história aparecem mais algumas explicações sobre o mamífero, com algumas informações relevantes sobre seus hábitos e reprodução. Em todos esses quadros a raposa aparece sempre como um animal humanizado, por vezes com sorriso no rosto, por vezes nervosa.

Na história são utilizados alguns comentários antropocêntricos, com frases na qual o autor está justificando a caça à raposa, dizendo que as mesmas sempre causam prejuízos aos fazendeiros (e como fazendeiros são humanos, leia-se: ao homem), mas diz que elas também podem ter sua utilidade, nem sempre sendo nocivas.

Acredita-se que esse espaço poderia ter sido utilizado com as informações que o autor trouxe, mas sem os comentários que foram colocados. Poderia trazer informações sobre cadeia alimentar e interação entre todos os animais na natureza. Fica clara a utilização por parte dos seres humanos dos animais que não ele mesmo, e por consequência mostra a idéia do papel principal que ele tem na natureza, como o “comandante” do que acontece, sendo ele quem julga o que é bom ou ruim e quem pode e deve ou não ser caçado e morto. O ser humano é representado como sendo o eixo central do que acontece na natureza, como se todos os seres estivessem ali apenas para servi-lo (o útil e o não útil) e para se espelhar nele (animais humanizados).

### **3.9 DISCUTINDO AS MENSAGENS DAS HISTÓRIAS ANALISADAS**

Após o exercício de decomposição das histórias em quadrinhos nas suas principais partes, exercitando um olhar mais aprofundado, o primeiro ponto a ser destacado sobre os seus conteúdos impressos relaciona-se com o fato de não serem apresentadas formas de superação dos problemas enfrentados. Em duas histórias (II e III) um problema contundente é apresentado claramente ao leitor. Trata-se da questão do lixo descartado em locais inapropriados. Observa-se que não existem textos ou imagens sugerindo alternativas, ações ou movimentos coletivos para reverter a situação incluída nas histórias, sensibilizando assim as pessoas para uma mudança de atitudes e valores. Na história III, a questão do descarte de resíduos em locais inapropriados é o tema central, porém a solução que a personagem propõe não é possível de ser praticada: jogar os seres humanos “fora”, em um depósito de lixo.

Acredita-se que a história que no princípio busca mostrar que a mudança de atitudes é muito importante é a de número II, na qual o diálogo entre os personagens sugere que cada um deve fazer sua parte para mudar a problemática dos resíduos descartados em locais impróprios. Porém falha ao finalizar a história com um personagem agindo de maneira inversa ao que pregava, ou seja, transferindo para o outro as culpas e responsabilidades em relação aos problemas ambientais. Barcelos (2001, p.490) tratando desse assunto afirma:

A representação dos problemas ecológicos como exterioridade, suas possíveis causas, bem como, os (as) possíveis responsáveis pela sua solução, nada mais são que mais uma consequência do paradigma moderno de oposição entre seres humanos e “mundo natural” ou “natureza”, onde tudo acaba por se resumir em exterioridade.

Ainda em relação às formas de superação dos problemas ambientais enfrentados, é notável a falta de sugestões para reverter as diversas situações apresentadas e que tratam de temas-problemas ambientais. O discurso que apenas mostra os problemas e não sugere alternativas para solucioná-los é bastante vazio, pois não se educa com catastrofismos ou mostrando apenas os fatos tristes que estão ocorrendo na natureza. É preciso que caminhos possíveis e viáveis sejam apontados, para que os seres humanos possam logo criar mecanismos de reversão dos prejuízos causados aos demais seres da natureza.

Sobre isso Orlandi (1996, p.40) afirma que “não se educa com ameaças e os perigos só são perigos quando se tem uma compreensão mais ampla do “fato” que o produz”, e que o discurso catastrofista não tem eficácia pedagógica. A presença nas HQs do discurso que apresenta os problemas, mas não sugere soluções corrobora o que postulam Viezzer et al.(1996, p.149):

Existem inúmeras soluções que precisam se tornar visíveis. As denúncias são importantes veículos das transformações. Mas caem no vazio se junto com elas não são propostas novas formas de lidar com a realidade. Por isso, a ênfase em equilibrar a denúncia com o anúncio de propostas, soluções e saídas para os problemas apresentados. [...] Esse discurso viciado acaba esvaziando o grande universo que se abre para quem está se iniciando na busca das relações mais harmoniosas com seu meio.

Outra questão a ser levantada sobre as histórias analisadas é o fato do ser humano ser mostrado como sendo homogêneo, como se todos tivessem os mesmos tipos de atitudes, excetuando-se o índio, que vive em harmonia com os outros seres. Na frase “De quem é a culpa? Dos Humanos!” (história I), isso fica claro. Não existe distinção entre as diferentes culturas na sociedade, todos são generalizados como uma civilização predatória, sem levar em conta que existem outros povos que estabelecem relações de respeito com a natureza.

Tal homogeneização do ser humano está de acordo com os estudos de Viezzer et al.(1996), nos quais os autores constataam que em materiais paradidáticos (dos quais as HQs fazem parte), não fica clara a existência de diversos povos e culturas que vivem em harmonia com o meio ambiente, e sobre isso afirma que: “Um dos principais problemas de alguns paradidáticos é generalizar a ação destrutiva do “homem”, sem especificar que esse “homem” é branco, ocidental, participante de uma civilização predatória em seu paradigma, vive no século XX, imerso no fenômeno da globalização” (Viezzer et al., 1996, p. 150).

A visão utilitarista dos animais também se mostra presente na história VI na frase: “Mas as raposas também podem ser úteis ao homem! Quando caçam os roedores que acabam com as plantações, por exemplo...”. Esse utilitarismo é nada mais do que o reflexo de uma sociedade antropocêntrica, derivada de uma concepção de Ciência Moderna, de uma sociedade Pós-Industrial, capitalista e consumista, que atesta serem os humanos os ocupantes da posição central no planeta; tudo está e gira ao redor das necessidades sentidas e inventadas pelos mesmos. Assim se expressam, por exemplo, as representações que humanizam os animais, as plantas etc. Esta ótica antropocêntrica mostra o ser humano como sendo algo à parte da natureza, podendo comandá-la e utilizá-la da maneira que achar melhor.

Sobre o antropocentrismo e separação homem x natureza, pode-se levar em conta o que diz Grun (2003, p.56):

Se a razão é autônoma, a natureza não pode sê-lo. Então, a natureza precisa ser dominada. A questão é simples: Como posso dominar alguma coisa da qual faço parte? A resposta é que não posso; conseqüentemente, não posso fazer parte da natureza. Se pretendo dominá-la, preciso me situar fora dela. [...] É na base desse dualismo que encontramos a gênese filosófica da crise ecológica moderna, pois a partir dessa cisão a natureza não é mais do que um objeto passivo à espera do corte analítico. Os seres humanos retiram-se da natureza. Eles vêem a natureza como quem olha uma fotografia.[...]O processo de objetificação implica simultaneamente domínio, posse, mas também perda, afastamento da natureza.”

Nos discursos e imagens antropocentrizadas encontrados nas histórias, fica clara a superioridade do ser humano sobre os outros seres, na medida em que estes buscam se parecer com aqueles, seja através das falas, dos adjetivos usados para classificá-los, das suas feições humanizadas, entre outros. Na história VI a frase dita pelo narrador, sugerindo que as raposas também podem ser úteis ao homem, na medida em que acabam com os roedores que destroem plantações, têm-se mais uma prova desse discurso antropocêntrico. Sobre isto Grun (2003) afirma que em um discurso voltado para a educação ambiental, geralmente se criam “situações recorrentes tecnicamente fundadas”, que podem ser entendidas como as falas que certas vezes imperceptivelmente trazem elementos como a natureza objetificada, ética utilitarista, ética antropocêntrica, entre outras. “Em certo sentido, um discurso ambientalista pautado pela pedagogia redundante é um discurso que nega aquilo que ele próprio pretende afirmar. É como se nossa linguagem estivesse irremediavelmente aprisionada na mecânica clássica” (Grun,, 2003, p. 57).

### 3.10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho buscou-se compreender com maior detalhamento o discurso presente nas HQs de Maurício de Souza, que tratassem de temáticas ambientais. A relevância de tal estudo fica clara no momento em que admitimos que os tempos e espaços proporcionados ao leitor nas HQs são formadores e estimuladores de opiniões e condutas.

Pôde-se notar ao longo da leitura dos conteúdos das HQs analisadas, que os espaços de reflexão dos temas relacionados ao meio ambiente não parecem ser utilizados de maneira a proporcionar ao leitor/sujeito novas e outras percepções de relação com o meio ambiente, na medida em que os temas são abordados de maneira superficial.

Com isto não se pretende sugerir que as HQs tenham um cunho apenas informativo, trazendo novos conceitos aprofundados ou discutindo temas de grande complexidade, mesmo porque este não é seu principal objetivo. Estes materiais paradidáticos buscam trazer divertimento aos seus leitores, porém, no momento em que se propõe a tratar sobre temas de relevante importância, relacionados ao meio ambiente/natureza, sugere-se que tragam também novos tempos e espaços para assimilação de conceitos e mudança de concepções e atitudes em relação ao ambiente que os cerca.

Com este trabalho buscou-se também mostrar a necessidade da promoção de uma discussão com/entre o corpo docente dos mais variados níveis de ensino, num processo formativo, objetivando o despertar do interesse e da busca de (in)formação sobre o adequado uso das histórias em quadrinhos dentro de sala de aula, buscando a abertura de novos espaços e tempos de discussão e formação de saberes no âmbito escolar, dentro de um paradigma de cientificidade e não de senso comum.

É de suma importância que estes materiais, que trazem em seu conteúdo importantes pontos/temas a serem trabalhados e elucidados, sejam utilizados pela comunidade docente dentro e fora da sala de aula. Isto corroborada o que afirma Giesta (2002, p.165), quando diz que as HQs que tratam de temáticas ambientais:

...podem servir aos professores como recurso a ser utilizado em sala de aula ou em tarefas para casa, oportunizando a análise e reflexão acerca das temáticas abordadas. Assim, o educador vai precisar estar munido de um saber que lhe permita extrair mensagens, aprofundar conteúdos, estimular a discussão de assuntos que circundam o cidadão e o comprometem com a vida no planeta.

### 3.11 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGGIO, A., SCHEFFER-BASSO, S.M. & JACQUES A.V.A. *A Estética do Ecossistema: Reeducando o Antropocentrismo*. Revista Ecossistema. 2002, vol.27, nº1, p.45-47.
- BARCELOS, V.H.L. Educação Ambiental, Representações Sociais e Literatura: um Estudo a Partir do Texto Literário de Octávio Paz. In: SATO, M. & SANTOS, J. E. *A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora*. São Carlos: Rima, 2001. p.479 – 495.
- BRASIL. *Lei nº6.938*, de 31 de agosto de 1981: dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial, 2 de setembro de 1981.
- \_\_\_\_\_. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Diário Oficial, 5 de outubro de 1988.
- \_\_\_\_\_. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Ministério da Educação e do Desporto. Brasília, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Lei nº 9.796*, de 27 de abril de 1999: dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial, 28 de abril de 1999.
- CARVALHO, I.M. *Qual educação ambiental? Elementos para um debate sobre educação ambiental e extensão rural*. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, vol.2, nº2, p.43-51. 2001.
- CARVALHO, I.C.M.. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez, 2004.
- DIAS, G.F. *Antropoceno: Iniciação à Temática Ambiental*. São Paulo: Editora Gaia, 2002.
- DUVOISIN, I.A. A Necessidade de Uma Visão Sistêmica para a Educação Ambiental: Conflitos entre o Velho e o Novo Paradigmas. In: Rucheinsky, A (org.). *Educação Ambiental: Abordagens Múltiplas*. 2002. Porto Alegre: Artmed.
- FIGUEIREDO, R. S. A interface com a Educação Ambiental. In: BRUM, E; FARIAS, R.(orgs.). *A mídia do Pantanal*. Campo Grande: UNIDERP, 2001.
- GADOTTI, M. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Peirópolis, 2001.

\_\_\_\_\_. Perspectivas atuais da educação. Porto Alegre, Artmed, 2000.

GIESTA, N.C. *Histórias em Quadrinhos: Recursos da Educação Ambiental*. In: RUSCHEINSKY, A. (org.) *Educação Ambiental: Abordagens Múltiplas*. Porto Alegre: ARTMED, 2002. p.157 – 168.

GRUN, M. *Ética e Educação Ambiental: A Conexão Necessária*. São Paulo: Editora Papirus, 2003.

KAUFMAN, A.M. RODRIGUEZ, M.E. *Escola, leitura e produção de textos*. Porto Alegre: Artmed, 1995.

LAYRARGUES, P.P. Prefácio. In: SATO, M. e SANTOS, J. E. *A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora*. São Carlos: Rima, 2001. p.XIII – XVIII.

LISBÔA, L. L. *As Histórias em Quadrinhos de Maurício de Souza e a Difusão de Saberes Ambientais*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Monografia. Graduação em Ciências Biológicas – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LOUREIRO, C.F.B (org.). *Cidadania e Meio Ambiente*. Salvador: Centro de Recursos Ambientais da Bahia, 2003.

MARCOLLA, Bernardo Andrade. *Os desafios da psicologia frente à questão ecológica: rumo à complexa articulação entre natureza e subjetividade*. *Psicologia: ciência e profissão*. 2002, vol.22, nº.1, p.120-133.

ORLANDI, E.P. O Discurso da Educação Ambiental. In: TRAJBER, R. e MANZOCHI, L.H. (orgs) *Avaliando a Educação Ambiental no Brasil: Materiais Impressos*. São Paulo: Editora GAIA, 1996. p.37 – 57.

PEDRINI, A.G. Trajetórias da Educação Ambiental. In: PEDRINI, A.G. (org.). *Educação Ambiental: Reflexões e Práticas Contemporâneas*. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

SATO, M. *Educação para o Ambiente Amazônico*. São Carlos: UFSCar, 1997. Tese. Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais – Universidade Federal de São Carlos.

SEIFFER, N. F. *O Desafio da Pesquisa Ambiental*. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, v. 5, n. 3, p.103-122. 1998.

TELLES, M.Q. ROCHA, M.B. PEDROSO, M.L. & MACHADO, S.M.C. *Vivências Integradas com o Meio Ambiente*. São Paulo: Sá Editora, 2002.

VIEZZER, M. RODRIGUES, C.L. & MOREIRA, T. Relações de Gênero na Educação Ambiental. In: TRAJBER, R. e MANZOCHI, L.H. (orgs) *Avaliando a Educação Ambiental no Brasil: Materiais Impressos*. São Paulo, Editora GAIA, p.138 – 152, 1996.

## **CAPÍTULO 4**

### **HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E A PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS AMBIENTAIS: TEMPO E ESPAÇO DE APRENDIZAGEM**

#### **RESUMO**

Pensando a Educação Ambiental (EA) como um processo de construção de valores, pode-se ponderar sobre os diversos locais nos quais esta ação se dá, sendo que estes espaços não estão confiados apenas à sala de aula, na prática da EA formal, dando-se, pelo contrário, muitas vezes para além dos muros escolares. Por isso, histórias em quadrinhos e a mídia em geral podem ser consideradas como produtoras de subjetividades, identidades e gêneros, percebendo-se assim a importância destes locais de aprendizagem, enquanto formadores dos sujeitos.

Portanto, no presente estudo, buscou-se analisar as diferentes formas como as revistas da Turma da Mônica, de Maurício de Souza, abordam a temática meio ambiente, difundindo assim alguns saberes ambientais. Estes, podem estar presentes explícita e/ou implicitamente no conteúdo das histórias e, portanto, este trabalho busca também mostrar quais são os principais artefatos utilizados nesse espaço (como imagens, textos, discursos, entre outros) visando à sensibilização do leitor.

**Palavras- chave:** Histórias em quadrinhos, meio ambiente, locais de aprendizagem.

#### **ABSTRACT**

Thinking of Environmental Education (EE) as a process of construction of values, we can evaluate the many spaces where this action takes place, since those places are not only classrooms, like the formal EE, occurring, a lot of times, away from the limits of the school. Because of that, comics and media in general can be considered producers of subjectivity, identities and genders, realizing then the importance of those learning places as subject makers.

On this behalf, in this study we aim to analyse the different ways of how the comic books of Turma da Mônica, written by Maurício de Souza, approach the thopic environment, spreading

some environmental knowledges. Those, could be present explicitly or implicitly on the content of the stories, hence this work pretend also show which are the main artefacts used in this space (for example, images, texts, speeches and others) addressing the sensitization of the reader.

**Keywords:** Comic strips, environment, learning places.

#### 4.1 INTRODUÇÃO

De modo geral, se define a educação como sendo uma prática social com o objetivo principal de aprimoramento do ser humano naquilo que pode ser apreendido a partir dos saberes de uma cultura, atuando na construção e produção dos valores culturais (BRANDÃO, 1985). Pode-se então considerar que a educação não é a reprodução de um padrão vigente, mas sim a possibilidade de modificação deste padrão.

O Art. 1º da Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, conceitua a Educação Ambiental (EA) como os “processos pelos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas à conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade”. Nesse sentido, conforme Kindel et al. (2004), a Educação Ambiental considera o ser humano como um integrante, agente na natureza, e busca uma modificação na forma como esse se relaciona com ela. Assim, os processos de ensino e aprendizagem requerem que todos os envolvidos sejam sensibilizados frente às questões ambientais, para que ocorra uma conscientização, seguida da construção de novos hábitos e conhecimentos a respeito da nossa importância e responsabilidade com o ambiente.

Pensando a EA como um processo de construção de novos valores, pode-se ponderar sobre os diversos locais nos quais esta ação se dá, sendo que estes espaços não estão confiados apenas à sala de aula, na prática da EA formal, dando-se, pelo contrário, muitas vezes para além dos muros escolares, assim como os tempos e espaços nos quais se adquire cultura, que são produzidos na articulação de diferenças culturais (Bhabha, 1998). Neste contexto, a mídia (seja ela impressa, visual, etc.) coloca-se em posição privilegiada no que diz respeito à produção de sujeitos e saberes, assumindo assim um caráter pedagógico, de construção de identidades. Segundo Pressanto (2004), uma parte importante desta construção de identidades, e o processo de educação como um todo, podem ocorrer

quando se integra o ensino formal em sala de aula, com tecnologias audiovisuais, impressas, orais, corporais, musicais, etc.

Levando isto em consideração, o objetivo principal deste trabalho é a realização de uma análise das diferentes formas como as revistas da Turma da Mônica, de Maurício de Souza, abordam a temática meio ambiente, difundindo assim alguns saberes ambientais. Estes, podem estar presentes explícita e/ou implicitamente no conteúdo das histórias e, portanto, este trabalho busca também mostrar quais são os principais artefatos utilizados nesse espaço (como imagens, textos, discursos, entre outros) visando à sensibilização do leitor.

#### **4.2 ESPAÇOS EDUCATIVOS ALTERNATIVOS**

Ao entrar em contato com trabalhos como o de Santos (2005), no qual a autora discorre sobre o papel desempenhado pelas revistas e pela mídia em geral, enquanto produtoras de subjetividades, identidades e gêneros, pode-se perceber a importância destas pedagogias culturais enquanto formadoras dos sujeitos. Ao analisar também o discurso de outros autores, podem-se encontrar estudos que corroboram tal hipótese. Figueiredo (2001) sugere que a mídia, por intermédio de seus meios de comunicação, ao atingir a população em geral, leva notícias das mais variadas, sendo que os seus veículos de massa (televisão, rádio, jornais, revistas e internet) podem ser considerados poderosos aliados junto à educação, pois desde que o homem conseguiu utilizar pela primeira vez sons e signos, a sociedade moderna habituou-se a adquirir informações através destes meios.

Seguindo esta linha, é importante atentar também para o que diz Amaral (1997, p.26), ao afirmar que “no cerne do debate pós-moderno encontra-se o final de separações importantes, o apagamento de algumas fronteiras antigas, principalmente entre a “alta” cultura e a chamada cultura popular ou cultura de massa”. É necessário “se tentar produzir novas metodologias e novos referenciais teóricos que possibilitem analisar a produção, a estrutura e a troca do conhecimento frente à diversificação dos lugares de aprendizagem” (Ibidem, p.28). A mesma autora trata ainda da variedade de instâncias culturais que podem vir a produzir significados, e afirma que:

Além dos tradicionais livros didáticos, podem ser reconhecidos como instâncias legítimas, os livros infantis, os desenhos animados, as histórias em quadrinhos, filmes de ficção, programas infantis, documentários,

anúncios publicitários, novelas, obras de arte, fotografia, etc (Ibidem, p.25).

Neste contexto então, pode-se entender os meios de comunicação de massa como formadores de opinião, sendo que a mídia cumpre, intencionalmente ou não, um papel fundamental na construção dos valores sociais e individuais. As “verdades” que são representadas e estabelecidas pela mídia, podem vir a produzir modos de ser que constituem as subjetividades dos sujeitos. Portanto, a partir do momento em que tal mídia é compreendida como construtora de imaginários, a mesma acaba por servir como referência para a produção das identidades que se estabelecem, se formulam e reformulam de acordo com a interação do sujeito com o meio que o cerca. Sobre isso, Fagundes (2005) sugere que o que se aprende tem relação com o local, com a interação entre as pessoas e com o momento, e que o processo de formação não ocorre somente na escola, ocorrendo, porém, em múltiplos espaços, da mesma maneira como as aprendizagens que ocorrem nestes espaços também são múltiplas.

#### **4.3 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO LOCAL DE APRENDIZAGEM**

Histórias em quadrinhos (HQs), entendidas como um artefato cultural, produtor de significados, constituem-se num material de fácil compreensão, não necessitando que a pessoa que a tenha em mãos saiba ler o código da língua escrita, possibilitando uma outra leitura compreensiva pelo leitor, desde crianças a adultos não escolarizados. Isto porque as HQs são compostas não apenas pela linguagem literária, mas também pela linguagem gráfica, visual e, segundo Eisner (1999, apud Schmidt, 2007, p.40) “as histórias em quadrinhos (...) são um meio visual composto de imagens. Apesar das palavras serem um componente vital, a maior dependência para a descrição e narração está em imagens entendidas universalmente”.

Desta maneira, as HQs podem promover um tempo e um espaço para o processo de ensino e aprendizagem. Entendendo as mesmas como literatura infanto-juvenil e como um veículo de comunicação elaborado pela imprensa escrita, infere-se que as HQs inscrevem-se entre os artefatos que podem ser uma porta de entrada para a compreensão do universo das práticas e conhecimentos dos alunos e dos professores no ambiente escolar (Schmidt, 2007), e também fora dele.

Isto porque a utilização de um instrumento relativamente distante dos materiais tradicionais em uso nas escolas pode causar um positivo estranhamento aos alunos. Esse estranhamento possibilita revelar alguns caminhos que os levem a um desenvolvimento das concepções em relação às práticas culturais no universo escolar, principalmente no que diz respeito à construção do conhecimento histórico (Ibidem, p.6).

#### **4.4 A HISTÓRIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS**

As HQs, segundo Couperie et al. (1970), foram prenunciadas na Europa com os nomes de Topffer e Bursch, entre 1840 e 1860. Segundo estes autores, foi no ano de 1880 que a história em imagens e sem texto algum invadiu as revistas francesas, e nessa mesma década os Estados Unidos já estavam dominando a literatura desenhada, devido à criação de diversas revistas, que traziam as histórias cômicas como foco. Os autores ainda afirmam que essa concorrência e rivalidade na criação de histórias deram uma grande contribuição à história das HQs, na medida em que foi grande o aumento da originalidade e virtuosidade na técnica.

Mesmo com esse movimento ocorrido entre 40 e 60, as HQs como cultura de massas vão aparecer somente em 1895, com o “boom” da imprensa americana. É durante a revolução industrial, em uma sociedade consumista e urbana, de produções em massa, que no jornal New York World, Richard Fenton Outcalt, criou o personagem Yellow Kid (Menino Amarelo) que era publicado aos domingos nesse jornal. O garoto usava um camisolão amarelo que exibia frases cômicas a cada quadrinho. O termo “jornalismo amarelo” ficou conhecido após a criação do Yellow Kid, referindo-se à imprensa sensacionalista, que buscava o sucesso fácil com o grande público.

Feijó (1997) considera o Yellow Kid como o precursor das HQs como se conhece na atualidade. Seus atributos como a produção de forma contínua nos jornais, um personagem fixo, a preocupação em atingir um público alvo cada vez maior e a introdução do balão de diálogos, um dos constituintes mais importantes de uma HQ, fazem dessa história um marco no mundo das histórias em quadrinhos.

No final da década de 40, as vendas de gibis começaram a decair, recuperando-se apenas por volta de 1960, quando as histórias passaram a se dividir entre os gibis de super-heróis e os artistas independentes (LIMA, 2002). Na década de 60, o movimento underground acaba por mostrar novos caminhos e abrir espaço para novos artistas. A partir

da década de 80 e 90, os quadrinhos conquistam amplamente o seu espaço, e a visão das pessoas não é mais a que pensa serem as HQs uma literatura apenas voltada para o público infanto-juvenil.

No Brasil, no dia 11 de outubro de 1905, surge a primeira revista a publicar histórias em quadrinhos: O Tico-Tico (1905-1962). Publicada pela editora “O Malho”, O Tico-Tico foi uma revista em quadrinhos dedicada inteiramente às crianças, e que acabou por ser produzida por mais de 50 anos. Foi um dos pontos de partida para o surgimento da literatura infantil no país, tendo levado muitas pessoas ao hábito da leitura (BARALDI, 1986).

Sobre as revistas de Maurício de Souza - material empírico de análise do presente estudo - foi na década de 70 que o autor iniciou a publicação de revistas em quadrinhos de banca, quando Mônica foi lançada já com tiragem de 200 mil exemplares e seguida, dois anos depois, pela revista Cebolinha e nos anos seguintes pelas publicações do Chico Bento, Cascão, Magali, Pelezinho e outras. Seus trabalhos começaram a ser conhecidos no exterior e, em diversos países, surgiram revistas com a Turma da Mônica.

Em 1980, o Brasil se vê invadido pelos desenhos animados japoneses e Maurício perde espaço. Tenta investir na televisão e abre um estúdio de animação, a Black & White. Porém a instabilidade financeira, econômica e política do país fazem com que seus planos não sejam muito bem sucedidos. Maurício então, coloca todas suas forças na publicação de quadrinhos e investe fundo em merchandising até os dias de hoje.

É interessante notar que a maioria dos principais personagens criados por Maurício de Souza realmente existiu, ou existe. Chico Bento, criado em 1961, teve como modelo um tio-avô de Maurício; Mônica foi criada em 1963 (e em 1970 ganhou revista própria), baseada na filha de Maurício que tem o mesmo nome; Magali é inspirada na outra filha de Maurício; Cebolinha, criado em 1960, fazia parte da turma de amigos de Maurício quando garoto, e Cascão, que “nasceu” em 1961, é baseado nas recordações de infância do próprio autor.

Segundo Natal <sup>1</sup> (2005):

<sup>1</sup> Para maiores Informações sobre a obra, consultar a revista Digital de Comunicação, Agrobusiness e Meio Ambiente, disponível em: <<http://www.agricoma.com.br/rev2artigoCrhisBenjamimNatal.htm>>. Acesso em julho de 2008.

As narrativas dos personagens de Maurício de Souza são fortemente galgadas no politicamente correto. Assim, seus personagens estão constantemente se esforçando para preservar a natureza, lutando contra aqueles que prejudicam a fauna e a flora, além de poluidores da natureza e pessoas "más" de uma forma geral, no sentido dicotômico-maniqueísta. Não há vilões fixos nas histórias, com raríssimas exceções de personagens que muito pouco aparecem, como o Capitão Feio, um poluidor superpoderoso. Mas mesmo estes não são realmente "malignos". Suas atitudes são moderadas e leves.

Cabe citar alguns trechos de Maurício de Souza em entrevista cedida à Revista da Rede Aguapé – Educação Ambiental para o Pantanal, no ano de 2003<sup>2</sup>. A entrevista gira em torno de perguntas relacionadas com Educação Ambiental e as HQs de Maurício de Souza, tendo o título de “A Turma da Mônica na onda da Educação Ambiental”. O texto se inicia com a seguinte frase de Maurício:

A gente trabalha com milhões de pessoas e milhões de crianças, então temos que contar as histórias muito direitinho, muito certinho, com carinho e, de preferência, botando no meio do lazer algum tipo de mensagem. E logicamente, nos dias de hoje, nós temos que falar da necessidade de cuidar do meio ambiente.

Maurício afirma que sua preocupação em tratar sobre temas relacionados com a preservação do meio ambiente e problemáticas ambientais enfrentadas atualmente, se iniciou com pedidos dos governos e secretarias, “a gente fazia o trabalho para participar de alguma ação ligada à área social, de educação, meio ambiente e cultura, cada vez mais, até o ponto da gente precisar criar o Instituto Cultural <sup>3</sup>”.

Quando questionado se acha que a Educação Ambiental precisa ser uma preocupação em todas as áreas profissionais, o autor e produtor diz que para gerar conscientização sobre os cuidados com o meio ambiente, existem duas forças principais: as crianças e os meios de comunicação; “se juntarmos as crianças que vão crescer e virar cidadãos conscientes e os meios de comunicação, talvez possamos cuidar melhor do meio ambiente”.

---

<sup>2</sup> Para maiores informações sobre a entrevista consultar: MEDEIROS, Y. A Turma da Mônica na onda da Educação Ambiental. In: Aguapé - Educação Ambiental para o Pantanal. Campo Grande, Acessado em julho de 2008. Disponível em: [http://www.redeaguape.org.br/revista\\_artigos.php?id=6&text=368](http://www.redeaguape.org.br/revista_artigos.php?id=6&text=368).

<sup>3</sup> O Instituto Cultural foi criado na década de 90, para elaboração de projetos de ação social nas áreas de saúde, educação, meio ambiente e cultura. Essa década corresponde ao início das primeiras medidas tomadas no Brasil em relação à criação de políticas ambientais, a citar: PRONEA, PCNs e PNEA..

#### **4.5 TURMA DA MÔNICA E MEIO AMBIENTE: UMA OUTRA LEITURA DO CONTEÚDO DE ALGUNS QUADRINHOS**

Como já citado anteriormente, esta pesquisa buscou analisar as diferentes formas como as revistas de Maurício de Souza, da Turma da Mônica, abordam a temática meio ambiente, difundindo assim alguns saberes ambientais. O estudo procura também explicitar qual a concepção que os personagens trazem de natureza, podendo os mesmos se sentirem parte integrante do ambiente que os cerca, ou se verem como seres separados do ambiente, sendo a natureza um bem a ser classificado e utilizado pelo ser humano conforme suas vontades.

O processo de busca do material empírico que faz parte do trabalho, se deu através de procura em lojas especializadas, do tipo “sebos”, nas quais é relativamente fácil encontrar exemplares antigos dos mais variados tipos de histórias em quadrinhos. Depois de selecionado um universo amostral considerável, cada revista foi minuciosamente lida e as histórias relacionadas com temáticas ambientais previamente analisadas.

Do universo de revistas adquiridas, foram selecionadas seis para fazerem parte do presente trabalho, compreendendo seis anos de publicação, do ano de 1990 até 1995. Estas datas foram escolhidas dentro de um universo de análise maior, que compreende um conjunto de histórias dos anos de 1990 a 2006, componentes de uma pesquisa de Dissertação de Mestrado.

Para realização da análise do material coletado, o método qualitativo foi utilizado, visto que segundo Minayo & Sanches (1993), o mesmo produz um aprofundamento na complexidade dos fatos, fenômenos e processos específicos, de grupos mais ou menos delimitados em extensão e capazes de serem abrangidos intensamente. Além do seu alcance no que diz respeito a valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. Os autores sugerem ainda a importância do método qualitativo de análise por sua capacidade de fazer emergir aspectos novos, de ir ao fundo do significado e de estar na perspectiva do sujeito, sendo especialmente importante para descobrir novos nexos e explicar significados.

##### **4.5.1 AS HISTÓRIAS E SEUS CONTEÚDOS**

**História I** – Publicada em revista quinzenal de janeiro de 1990, página 24

Título da história:

***Turma do Penadinho em: O Menino que Odiava Árvores***

A história mostra um garoto chamado Neco Lógico, que sofreu um acidente quando garoto, ao subir em uma árvore para tentar pegar ovos de um ninho de pássaros; desde então, o garoto passou a odiar todas as árvores. A sequência de quadros apresenta o garoto em uma série de circunstâncias que demonstram seu ódio pelas plantas e, conforme foi ficando mais velho, este também começou a crescer. ‘As florestas desapareciam com suas machadadas’ e “seu maior prazer era ver uma árvore cair”, são textos presentes na história, que descrevem o sentimento de Neco Lógico.

Certo dia o garoto, representado então como um adulto, foi atingido por uma das árvores que cortava e acabou morrendo. Ao lado de seu túmulo cresceram várias árvores e, nos últimos quadros, aparece uma pergunta: “O que ele diria sobre isso” e, logo depois, o fantasma de Neco dizendo: “Eu odeio árvores”.

Esta história não mostra se as atitudes do garoto são adequadas ou não, e nem traz mensagem alguma sobre a relação do ser humano com as plantas. Dependendo da leitura realizada por quem entra em contato com esta história, pode-se entender que este tipo de sentimento em relação aos seres vivos, neste caso os vegetais, é comum, e que não há nada de errado em derrubar e destruir árvores.

**História II** – Publicada em 1991 na revista número 122, página 20

Título da história:

***Papa-Capim em: A Cidade vem Aí!***

A história mostra Papa-Capim e seu amigo Cafuné observando a aproximação da cidade grande em relação à floresta. Os dois dialogam e Papa deixa claro para seu amigo que a cidade é muito perigosa e que, caso ela chegue na floresta: “Adeus floresta, animais, natureza...”. Desta maneira, Papa tenta criar alguma maneira para que isto não ocorra, dizendo ao seu amigo que “o homem branco” para se locomover dentro das cidades utiliza sinais (como sinais de trânsito), portanto, eles somente precisam virar uma seta de indicação para que a “cidade” não encontre o caminho da floresta.

A seta não tem nenhum dizer, sendo apenas uma flecha que aponta em uma direção. Os indiozinhos então a viram para baixo e vão embora pensando ser aquilo suficiente para despistar a “cidade grande”. Ao final da história o plano parece ter dado certo, pois os prédios humanizados que representam a cidade, todos com semblantes fechados, como se tivessem intenções ruins, ficam andando em círculos e não conseguem chegar à floresta.

Nesta história fica clara a separação entre a cidade grande e a mata, representadas como sendo dois lugares antagônicos, incapazes de “conviverem” em harmonia. Isto remete também à dicotomização feita em relação ao homem branco e o índio, sendo que em ambos os momentos, tudo que remete à cidade parece ser mau e perigoso.

**História III** – Publicada em 1992 na revista número 132, página 19

Título da história:

***Chico Bento em: Amigos Animais***

Nesta história Chico Bento e seu primo Zeca, vindo da cidade, passeiam pelas redondezas do sítio de Chico, observando e brincando com os animais que vivem por ali. Chico mostra ao primo o cachorro Fido, que ele classifica como muito esperto; seu porquinho Torresmo; a galinha *Giserda*; a vaca *Maiada*, que faz com que não falte leite na casa de Chico; o cavalo Alazão; o bode Osório; entre outros animais.

Ao final da história Zeca diz para Chico que também tem uma porção de bichos na cidade onde mora: “Bichos de todos os tipos”. No último quadro, porém, o primo aparece com um semblante bucólico, lembrando o sítio e com diversos animais de pelúcia em sua volta, dizendo ser uma pena que aqueles bichos não são como os de Chico. Esta história mais uma vez nos remete a diferenciação e afastamento entre a cidade grande e o sítio, sendo que o sítio aparece como um lugar mais alegre e mais cheio de vida, com seus animais “espertos” e “úteis” ao ser humano.

**História IV** – Publicada em 1993 na revista número 2, página 109

Título da história:

***Chico Bento em: O Dia em que o Progresso Chegou nas Histórias do Chico***

Chico caminha em um local onde vê troncos de várias árvores cortados; ele cita o nome de várias delas, porém o leitor não pode distinguir qual é qual, pois só existem os restos dos troncos. Depois disso vê um homem dizendo que ali vão ser construídos um viaduto, um supermercado, um cinema, etc.

Nos próximos quadros o garoto se apavora ao ver que construíram uma cidade na sua história. Encontra Rosinha, sua namorada, com uma máscara protetora para não respirar a poluição e saem caminhando vendo a destruição que a “cidade” causou. Depois disso Chico se revolta e busca uma borracha, para apagar tudo aquilo que o está incomodando. Desenha com a ajuda de Rosinha então um cenário com árvores, um lago com patos e uma casinha ao fundo.

Nesta história a solução para o problema que Chico enfrenta é simplesmente apagar com uma borracha a poluição e a cidade, como se isto fosse possível na vida do leitor. Não é apresentada nenhuma reflexão sobre a situação que os personagens enfrentam, e a solução apontada para os seus problemas é utópica.

**História V** - Publicada em 1994 na revista número 44, página 63

Título da história:

***Mônica em: Regar***

Na história Mônica aparece tentando regar uma pequena flor que cresce perto de sua casa. Um homem porém a arranca do chão para dar de presente para sua mulher, que a planta em um vaso, mas logo depois joga o mesmo na cabeça do homem, pois o viu paquerando outra garota.

Mônica pega de volta a flor e a replanta no chão. Depois disso tenta novamente regar a planta, mas começa a chover. A menina fica brava e vai até em casa buscar um guarda-chuva, com o qual não deixa que a água da chuva molhe a flor, porém usa seu regador para tal.

Nesta história o autor poderia ter trabalhado alguns conceitos relativos às ações que algumas pessoas têm de arrancar flores, folhas, derrubar plantas, etc. Além disso, Mônica, irritada, impede que um processo natural ocorra, para poder satisfazer sua vontade de regar aquela flor.

**História VI** – Publicada em junho de 1995, em revista mensal, página 24

Título da história:

***Papa-Capim em: O Presente Ideal***

A história é composta por diversos quadros, mostrando um “homem branco” que busca na selva algum presente para dar a sua mãe no dia de seu aniversário. No caminho ele encontra Papa-Capim, que fica muito preocupado em ver aquele homem tentando caçar alguns animais para preparar um presente: uma onça para fazer um casaco; um jacaré que daria uma linda bolsa; um pássaro “quase extinto” para elaborar uma fantasia; borboletas para confeccionar um quadro, e até mesmo o tronco de uma árvore, para tentar produzir alguma coisa.

Papa ensina ao homem como produzir um vaso de barro e como pintá-lo com alguns corantes naturais. O índio diz que assim ele “criou alguma coisa sem precisar destruir outra”. O homem larga a espingarda que carregava e dirige-se até sua casa, entregando o vaso para sua mãe, que diz tê-lo achado lindo. No último quadro os dois aparecem sentados lado a lado na sala da casa, com semblantes felizes e com a mãe dizendo: “Não sei porque meu filho, mas parece que este cantinho ficou o mais alegre da casa”. Porém, neste quadro, pode-se ver que a decoração da sala é composta basicamente por animais empalhados, peles servindo de tapete, uma bolsa de couro de jacaré, penas de aves como enfeites, borboletas em quadros e duas espingardas acima da lareira, como peças centrais.

A mensagem desta história fica confusa quando comparamos o início e o final da mesma, pois no desenrolar dos quadros, a intenção do autor é mostrar que não é correto matar os animais para torná-los enfeite, porém, ao final da história, as peles, penas e animais empalhados são mostrados como algo belo, sendo “o cantinho mais alegre da casa”.

**4.6 SABERES AMBIENTAIS NAS HQS DA TURMA DA MÔNICA... OS CONTEÚDOS ANALISADOS**

Acredita-se ser de extrema importância este tipo de estudo e análise, visto que a literatura, seja ela qual for, pode ser compreendida como um tipo de experiência humana que informa, ajuda na formulação de teorias e hipóteses, e fornece bases para a formação

dos sujeitos. Portanto, sugere-se com este trabalho que existe muito mais por trás de uma leitura despreocupada e rápida do que se pode imaginar. Além disso, segundo Lisbôa (2006), acredita-se que se pode muitas vezes pensar que um filme *hollywoodiano*, uma novela do horário nobre e uma revista em quadrinhos são somente passatempos, que são buscados apenas nas horas vagas, a serem preenchidas com algo que não faça pensar muito e que divirta ao mesmo tempo. Porém, como foi apontado ao longo desta pesquisa, estes materiais, vistos como pedagogias culturais, são capazes de produzirem “verdades”, crenças, mitos, valores e, principalmente, são capazes de produzirem sujeitos e suas identidades.

Pode-se inferir, após uma leitura mais aprofundada sobre os conteúdos das histórias tomadas como material de estudo, que a natureza, nas HQs selecionadas para a pesquisa, é mostrada como um lugar harmonioso, de paz e, preferencialmente, sem a presença humana. Além disso, existe uma visão que diferencia, separa e afasta as pessoas do campo e as pessoas da cidade. A “cidade grande” é mostrada através dos desenhos e das feições dos personagens, como causadores de distúrbio, de poluição, de caos. De acordo com De Paula (1998), a sociedade tem como presente para si a imagem que mostra o cenário rural como algo à parte, separado da cidade. A autora sugere que desde a década de 30, principalmente, quando a sociedade começa a passar por um processo de modernização, essa visão dicotômica está presente. Na sociedade global atual, o campo e a cidade estão e são explicitamente separados por fronteiras geográficas e culturais. Outro ponto, que vem a tona durante a análise dos conteúdos, é o fato de não serem apresentadas formas viáveis de superação dos problemas enfrentados, e sobre isso Barcelos (2001, p.490) afirma:

A representação dos problemas ecológicos como exterioridade, suas possíveis causas, bem como, os (as) possíveis responsáveis pela sua solução, nada mais são que mais uma consequência do paradigma moderno de oposição entre seres humanos e “mundo natural” ou “natureza”, onde tudo acaba por se resumir em exterioridade.

O discurso que apenas mostra os problemas e não sugere alternativas para solucioná-los torna-se vazio. Faz-se necessário que caminhos possíveis e viáveis sejam apontados, para que os seres humanos, no caso, os leitores, possam refletir sobre mecanismos de reversão dos problemas ambientais enfrentados e apresentados.

Observa-se também o fato de o ser humano ser mostrado como sendo homogêneo, como se todos tivessem os mesmos tipos de atitudes, excetuando-se o índio e o homem do campo, que vivem em harmonia com os outros seres. Não são apresentadas distinções entre as diferentes culturas dentro da sociedade, sendo que o “homem branco” é generalizado por senso comum, como alguém que compõe uma civilização predatória. Tal homogeneização do ser humano não mostra ao leitor que existem diversos povos e culturas que vivem em harmonia com o meio ambiente, sendo então posta como única a ação destrutiva do “homem”; não ficando claro que esse “homem” é branco, ocidental, participante de uma civilização predatória em seu paradigma e imerso no fenômeno da globalização (Viezzer, 1996).

Mostra-se também presente nas HQs analisadas uma visão utilitarista dos animais, sendo que alguns deles são mostrados como tendo importância por significarem um certo valor monetário, ou por serem “úteis” para quem os possui ou os encontra na natureza. Esse utilitarismo é nada mais do que o reflexo de uma sociedade antropocêntrica, derivada de uma concepção moderna de Ciência, de uma sociedade Pós-Industrial, capitalista e consumista, que atesta serem os humanos os ocupantes da posição central no planeta; tudo está e gira ao redor das necessidades sentidas e inventadas pelos mesmos. Assim se expressam, por exemplo, as representações que denotam humanizar os animais, as plantas etc. Esta ótica antropocêntrica mostra o ser humano como sendo algo à parte da natureza, podendo comandá-la e utilizá-la da maneira que achar melhor.

#### **4.7 Algumas Considerações**

No Brasil, e mundialmente, a preocupação em trabalhar a EA, e todas as questões ambientais, dentro e fora da sala de aula, tem crescido significativamente. Pode-se perceber que ações voltadas para os mais diversos segmentos da população têm crescido, sendo os executores destas ações um grande número de segmentos e instituições, inclusive aí os meios de comunicação, sejam eles impressos, visuais, audiovisuais, etc. Portanto, mostra-se necessário um aprofundamento dos estudos que analisam o que e de que modo têm se dado estas práticas, para que assim o debate e o conhecimento sobre a maneira como as questões ambientais são tratadas e apresentadas nestes veículos, no caso HQs, possa ser compreendida.

Levando em consideração a leitura mais aprofundada dos conteúdos presentes nas HQs, pode-se sugerir que temas ligados a EA necessitam ser trabalhados com certa complexidade, para que não ocorra uma diminuição da importância do conteúdo apresentado, não significando porém, que a leitura deva ser carregada e nebulosa. O que se pretende é que estas leituras prendam a atenção, criando impacto e enriquecendo o vocabulário de quem a lê, criando, além disso, uma atmosfera que mobilize o leitor, não o deixando apático frente aos problemas apresentados.

É necessário também que os veículos de comunicação impressa em geral, e entre eles as HQs, não caiam no discurso patriarcal da luta e do confronto, sendo que a denúncia deve ocorrer, mas que também as soluções sejam apresentadas, pois, como já anteriormente mencionado, o discurso que aponta os problemas e não sugere soluções, acaba por tornar-se vazio. Por exemplo, além de mostrar os problemas acarretados pelo crescimento demasiado das cidades, da poluição dos rios, do distanciamento entre o ser humano e outros seres vivos, faz-se indispensável que seja instigada no leitor também a vontade de refletir sobre a maneira para contornar estas situações.

Com isto, e além disto, o leitor pode não compreender as mensagens implícitas ou explícitas das HQs, no momento em que as temáticas ambientais trazidas, no caso das histórias deste estudo, se confundem, sem sugestões de reflexão sobre os assuntos tratados, bem como com uma considerável superficialidade de apresentação das problemáticas em questão (caça ilegal, poluição, desmatamento, etc.). O intuito não é, porém, afirmar que a leitura realizada nesse trabalho é a correta, visto que cada leitura é uma nova descoberta, e cada sujeito interpreta um texto a sua maneira. Pode-se porém, registrar que, mesmo que a idéia central deste segmento editorial de revista, que busca no núcleo de sua produção trazer divertimento e incentivo ao hábito da leitura, não seja um aprofundamento de conceitos das ciências e da Educação Ambiental, é de suma importância que temas ligados às questões ambientais, produzam nos leitores uma reflexão sobre o que é apresentado. Desta maneira este tipo de mídia impressa, se bem apropriada, pode ser utilizada dentro e fora da sala de aula, produzindo sujeitos pensantes e críticos sobre o ambiente que os cerca.

Também, é de grande importância atentar para o fato de que, segundo Trajber (1996), não existem textos neutros, sendo que todos têm uma visão de mundo que pode não

estar explícita, mas mostra-se aberta e pronta para interpretações. Portanto, educadores ambientais necessitam preparar-se para utilizar estes materiais, colocando os mesmos dentro de amplos processos pedagógicos, explorando-os criticamente, sendo que “uma das funções do educador e da educadora é estar alerta para a diversidade de visões, explicitando-as e trabalhando com elas”, de maneira adequada (Ibidem, p.33).

#### **4.8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AMARAL, M. B. *Representações de natureza e a educação pela mídia*. Porto Alegre: UFRGS, 1997. Dissertação. Mestrado em Educação - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BARALDI, G. *Histórias em Quadrinhos: Cultura e Ideologia*. Porto Alegre: PUCRS, 1986. Monografia. Graduação em Publicidade e Propaganda – Faculdade dos Meios de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

BARCELOS, V.H.L. *Educação Ambiental, Representações Sociais e Literatura: um Estudo a Partir do Texto Literário de Octávio Paz*. In: SATO, M. & SANTOS, J. E. *A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora*. São Carlos: Rima, 2001. p.479 – 495.

BHABHA, H.K. *O Local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. *Lei nº 9.796, de 27 de abril de 1999: dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências*. Brasília: Diário Oficial, 28 de abril de 1999.

COUPERIE, P. DESTEFANIS, P. FRANÇOIS, E. HORN, M. MOLITERNI, C. & TALABOT, G.G. *História em Quadrinhos e Comunicação de Massa*. São Paulo: Delta, MASP, 1970.

DE PAULA, S. G. *O Country no Brasil Contemporâneo*. Revista História, Ciências, Saúde, Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, vol. 5, 1998.

- FAGUNDES, N.C, FRÓES, B.T. *Discutindo a relação entre espaço e aprendizagem na formação de profissionais de saúde*. Interface: Comunicação, Saúde, Educação, v.9, n.16, p.105-14, 2004.
- FEIJÓ, M. *Quadrinhos em Ação: um século de história*. São Paulo: Moderna, 1997.
- FIGUEIREDO, R. S. A interface com a Educação Ambiental. In: BRUM, Eron; FARIAS, Regina (Org.). *A mídia do Pantanal*. Campo Grande: UNIDERP, 2001. p. 195-208.
- KINDEL, E. A. I.; SILVA, F. W. da & SAMMARCO, Y. M. *Educação Ambiental: Vários Olhares e Várias Práticas*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004.
- LIMA, D. *A História em Quadrinhos como Veículo Jornalístico*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Monografia. Graduação em Comunicação Social e Jornalismo – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- LISBÔA, L. L. *As Histórias em Quadrinhos de Maurício de Souza e a Difusão de Saberes Ambientais*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Monografia. Graduação em Ciências Biológicas – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- MORAES, R. *Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva*. Ciência & Educação, v.9, n.2, p.191-211, 2003.
- PRESSANTO, A.J. *O ecodesign como instrumento de Educação Ambiental em instituições de ensino fundamental*. Dissertação (Mestrado em Engenharia), Faculdade de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.
- SANTOS, C.A. *O discurso dos experts na constituição das identidades infantis e de gêneros na mídia impressa brasileira*. Revista Pró-Posições, v.16, n.3, set/dez. 2005.
- SCHMIDT, M.A.M.S. *O significado das histórias em quadrinhos na educação histórica dos jovens que estudam no ensino médio*. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Paraná, 2007.
- TRAJBER, R. MANZOCHI, L.H. Introdução. In: TRAJBER, R. e MANZOCHI, L.H. (orgs) *Avaliando a Educação Ambiental no Brasil: Materiais Impressos*. São Paulo: Editora GAIA, 1996. p.15 – 35.

VIEZZER, M. RODRIGUES, C.L. & MOREIRA, T. Relações de Gênero na Educação Ambiental. In: TRAJBER, R. e MANZOCHI, L.H. (orgs) *Avaliando a Educação Ambiental no Brasil: Materiais Impressos*. São Paulo: Editora GAIA, 1996. p.138 – 152.

## **CAPÍTULO 5 – Considerações Finais**

Chegando ao final da trajetória desta pesquisa de mestrado, e buscando concretas argumentações que corroborem as teorias apresentadas ao longo do estudo, me parece cada vez mais claro e indubitável que a mídia, enquanto canal de comunicação que é, entre quem a produz e os “espectadores” aos quais esta é destinada, tem uma profunda e inegável importância na formação das identidades dos sujeitos.

Neste trabalho procurei apresentar ao leitor as representações de natureza e os saberes ambientais que estão contidos em algumas HQs da Turma da Mônica, buscando também argumentar e trazer uma reflexão sobre a importância desta pedagogia cultural enquanto formadora de identidades e, além disso, formadora de sujeitos.

Afirmo aqui também que os “espectadores” deste tipo de mídia não são seres passíveis e não penetráveis em relação aos conteúdos que são veiculados pela mesma. Ao contrário, os leitores de uma HQ absorvem, refletem e assimilam, mesmo que não intencionalmente, grande parte dos saberes que estas revistas trazem. Segundo Kindell (2004), muitas vezes o caráter lúdico e de divertimento dos desenhos animados, e aqui acrescento das HQs, permite que se criem padrões e estereótipos sem que assim se promova um, digamos assim, maior questionamento. Porém, ainda segundo a autora, é necessário que se compreenda que estes artefatos culturais carregam consigo certa “ingenuidade”, sendo que diversas aprendizagens se dão através do prazer, da brincadeira e da ludicidade, sem que haja grandes problematizações.

Desta maneira proponho a necessidade da leitura crítica destas mídias, sendo que sinalizo a já execução de trabalhos de pesquisa que abordam tal temática, entre eles: Amaral (1997), Kindell (2004), Wortmann (2004), o que acaba por mostrar que já existem esforços nesta direção, e que tais pedagogias culturais passam por um momento de demonstração de suas potencialidades no que se refere às maneiras com as quais interferem nos modos de ser sujeito. Sinalizo então a importância da atenção para a forma com a qual a natureza é apresentada aos seus “espectadores” pelos veículos midiáticos e, no caso deste estudo, como esta natureza mostra-se aos leitores.

Como pôde ser visto ao longo das reflexões e leituras aprofundadas das histórias tomadas como material de análise, a natureza que apresenta-se ao leitor muitas vezes é bucólica e perfeita e, inclusive, pôde-se notar que esta para ser “perfeita” e harmoniosa, necessita estar distante do ser humano, ou seja: um ambiente no qual estão presentes os componentes bióticos e abióticos, porém não os componentes antrópicos. Esta visão binária de humano X natureza pode conduzir a uma espécie de sensação de distanciamento dos elementos da natureza, fazendo-o sentir-se como um ser à parte do ambiente natural.

Também, conforme apontado ao longo do desenvolvimento do trabalho, fazem-se presentes nas histórias analisadas situações que merecem destaque e reflexão neste tipo de pesquisa: o fato de existir uma notável separação entre o homem do campo e da cidade; o utilitarismo dos animais; a antropomorfização dos personagens animais – representando entre os mesmos as relações existentes entre os seres humanos, e não as relações existentes entre eles; a homogeneização do ser humano, classificando-o como um ser capaz de tomar apenas alguns tipos de atitudes – excetuando o índio e o homem do campo; a falta de sugestão de alternativas para que o leitor reflita sobre possíveis mudanças das problemáticas ambientais apresentadas; entre outras situações.

Afirmo, portanto, que as HQs em questão trazem nos conteúdos apresentados ao leitor uma série de sugestões de formas de ser/agir/se posicionar. Estas muitas vezes não estão explícitas e não são impostas ao leitor; porém acredito que o contato com discursos que sugerem posições em relação à natureza, bem como sugerem modos de agir frente a algumas problemáticas ambientais - mesmo que não explicitamente, merecem ser levadas em consideração em estudos como este, bem como por educadores que desejem realizar trabalhos pedagógicos utilizando-se destas instâncias culturais.

Recorro aqui ao trabalho de Wortnamm (2002), que mostra o fato de ensinamentos serem processados em histórias infanto-juvenis, mesmo quando os autores dos textos acreditem estarem apenas entretendo e distraindo seus leitores. Portanto, mesmo que as HQs da Turma da Mônica não tragam a intenção de ensinar sobre questões ambientais, e aprofundar conceitos da área ambiental, o fato é que muitos ensinamentos são processados no decorrer da leitura.

É necessário levar-se em consideração a importância dos saberes ambientais que estes materiais carregam consigo, e no caso deste estudo, notou-se que estes, mesmo que apresentem ao leitor algumas situações ligadas a problemáticas e questões ambientais, não sugerem alternativas de reflexão para a reversão dos quadros que são mostrados.

Sinto-me, após percorrer a trajetória do mestrado, muito mais convicta sobre a importância destas pedagogias culturais; seja em sua utilização em sala de aula, por educadores preparados para tal, seja nas mãos do leitor infanto-juvenil, que compreenderá e dará sentido aos saberes ambientais que este material traz consigo. Acredito já não ser mais capaz de olhar HQs, e os demais artefatos da cultura, sem entendê-los como importantes formadores de identidades e sujeitos e, posicionando-me desta forma, percebo a necessidade da compreensão de que estudos como este tendem a contribuir para reflexões feitas por campos preocupados com questões ligadas à natureza, como o da Educação Ambiental.

## 5.1 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, M. B. *Representações de natureza e a educação pela mídia*. Porto Alegre: UFRGS, 1997. Dissertação. Mestrado em Educação - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- BAUDRILLARD, J. *A Sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 2007.
- COSTA, M.V.; SILVEIRA, R.H.; SOMMER, L.H. Estudos culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 23, maio/ago, 2003.
- ECOSTESGUY, A.C. Estudos Culturais: uma introdução. In: Silva, T.T. (org) *O que é afinal, estudos culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.133-166.
- FISCHER, R. *Televisão & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- GIROUX, H. A. A Disneização da Cultura Infantil. In: Silva, T.T. (org) *Territórios Contestados*. Petrópolis: Vozes, 1995. p 49-78.
- \_\_\_\_\_. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In: Silva, T.T. (org) *Alienígenas na sala de aula : uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis : Vozes, 2001. p. 85-103.
- HALL, S. A. Centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, 1997, vol. 22, n. 2, p. 17-46.
- \_\_\_\_\_. *A identidade em questão*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A; 2001.
- JAMESON, F. O pós-modernismo e a sociedade de consumo. In: KAPLAN, E. A. (org.) *O mal-estar no pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 25-44.
- KELLNER, D. *Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna*. In: SILVA, T. T. (org.) *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995. p.104-31.
- KELLNER, D. *A cultura da mídia*. Bauru: EDUSC, 2001.
- KINDEL, E. A. I.; SILVA, F. W. da & SAMMARCO, Y. M. *Educação Ambiental: Vários Olhares e Várias Práticas*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004.
- LYOTARD, J.F. *A condição pós-moderna*. Lisboa, Gradiva: 1985.

LOURO, G. Gênero: questões para a Educação. In: BRUSCHINI, C; UNBEHAUM, S. (Orgs.). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: FCC, 2000. p. 225-242.

MOMO, M. *Mídia e consumo na produção de uma infância pós-moderna que vai à escola*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Tese. Doutorado em Educação - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

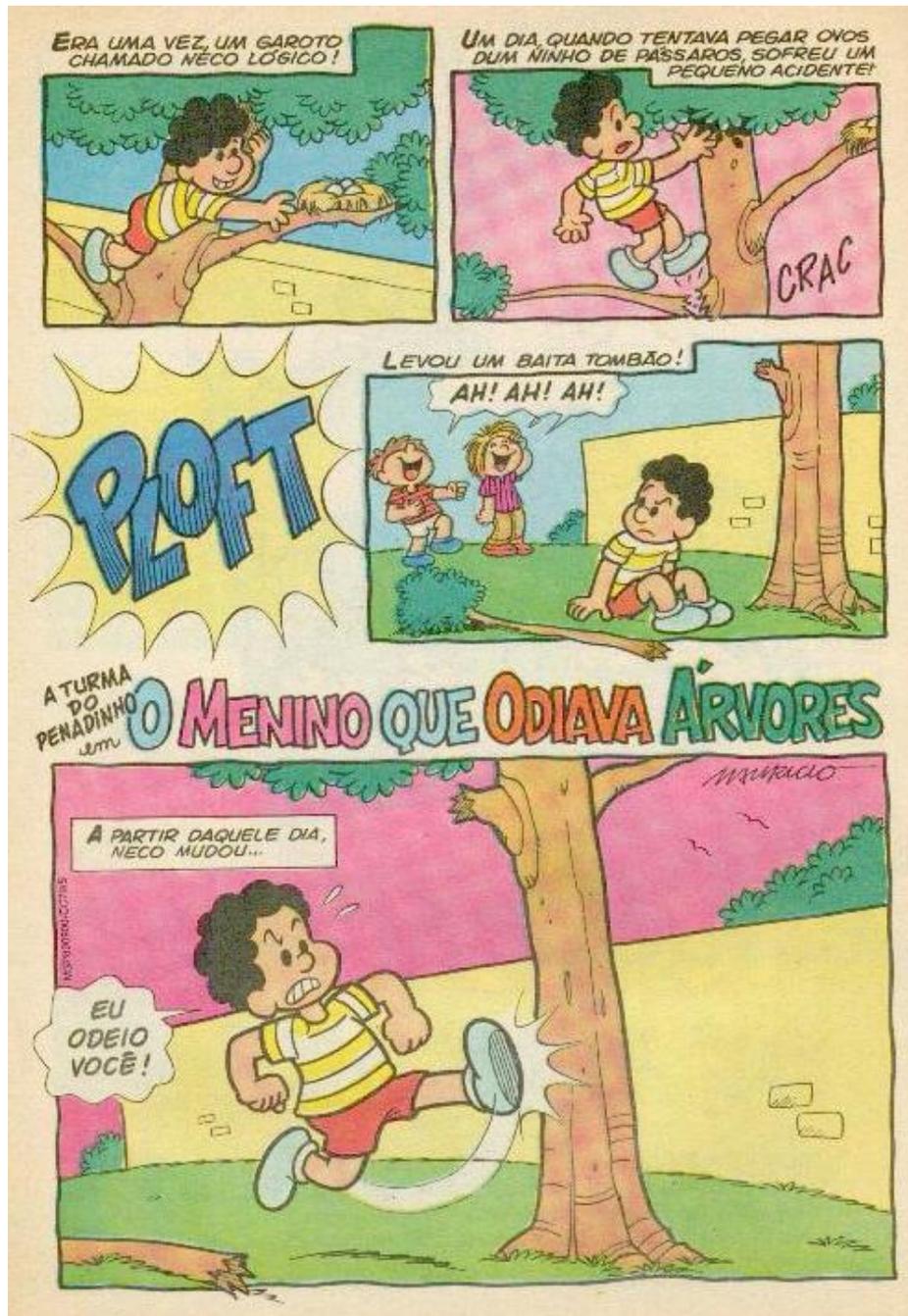
POSTMAN, N. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

WORTMANN, M.C. *A natureza na literatura infanto-juvenil*. In: V ANPED Sul, 2004, Curitiba. Anais da V ANPED Sul. Curitiba : Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2004. CD-ROM.

\_\_\_\_\_. *Uma leitura da ciência (e também da natureza) a partir da literatura infantil*. In: I Seminário Produção de Conhecimento, Saberes e Formação Docente. XIV Congresso de Leitura do Brasil, 2002. Campinas. Anais do I Seminário Produção de Conhecimento, Saberes e Formação Docente; XIV Congresso de Leitura do Brasil. Campinas: UNICAMP, 2002.

## 5.2 ANEXOS

Seguem abaixo alguns quadros das histórias analisadas, que podem ser de relevância na leitura deste trabalho.



Publicada em revista quinzenal de janeiro de 1990



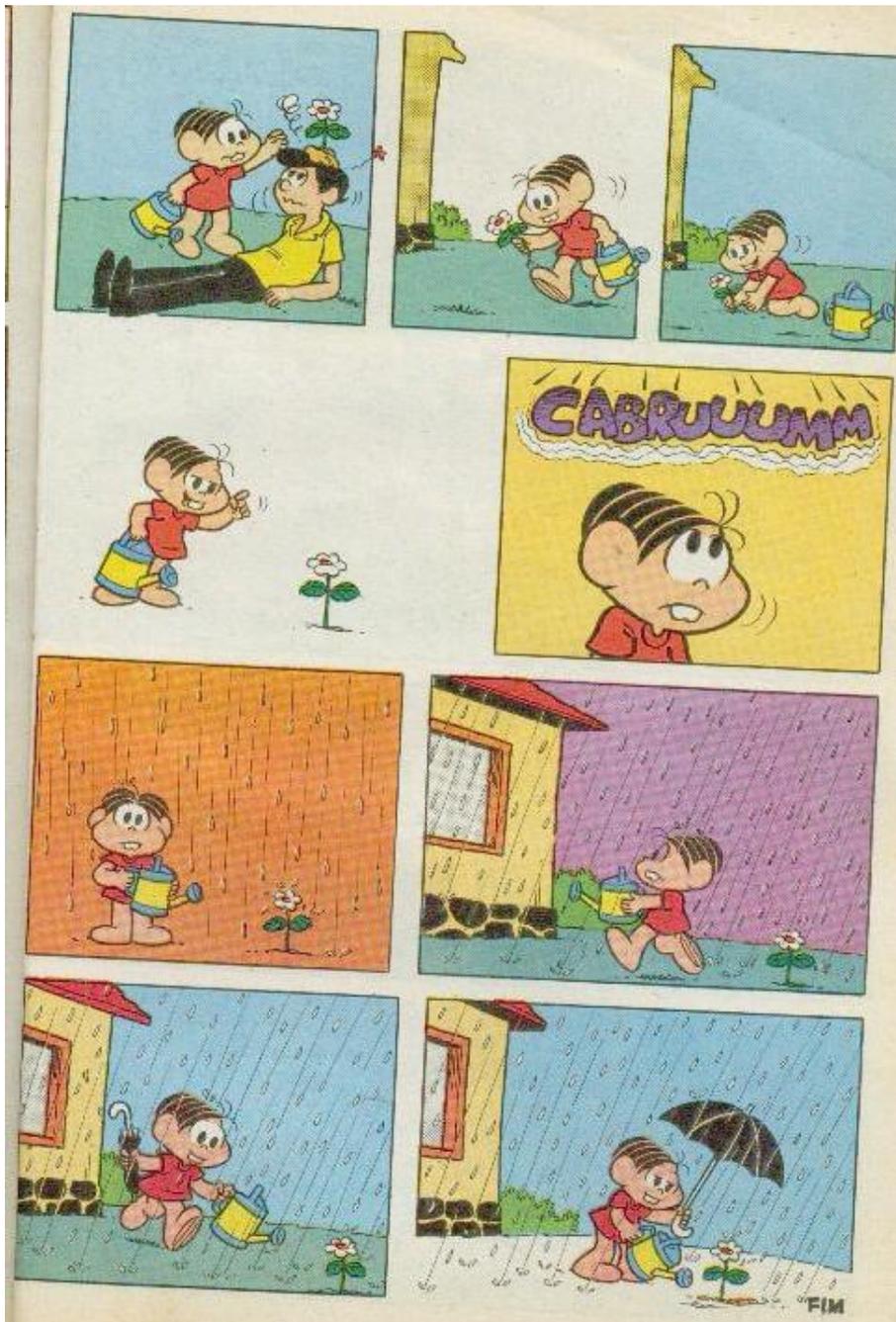
Publicada em 1991 na revista número 122



Publicada em 1992 na revista número 132



Publicada em 1993 na revista número 2



Publicada em 1994 na revista número 44



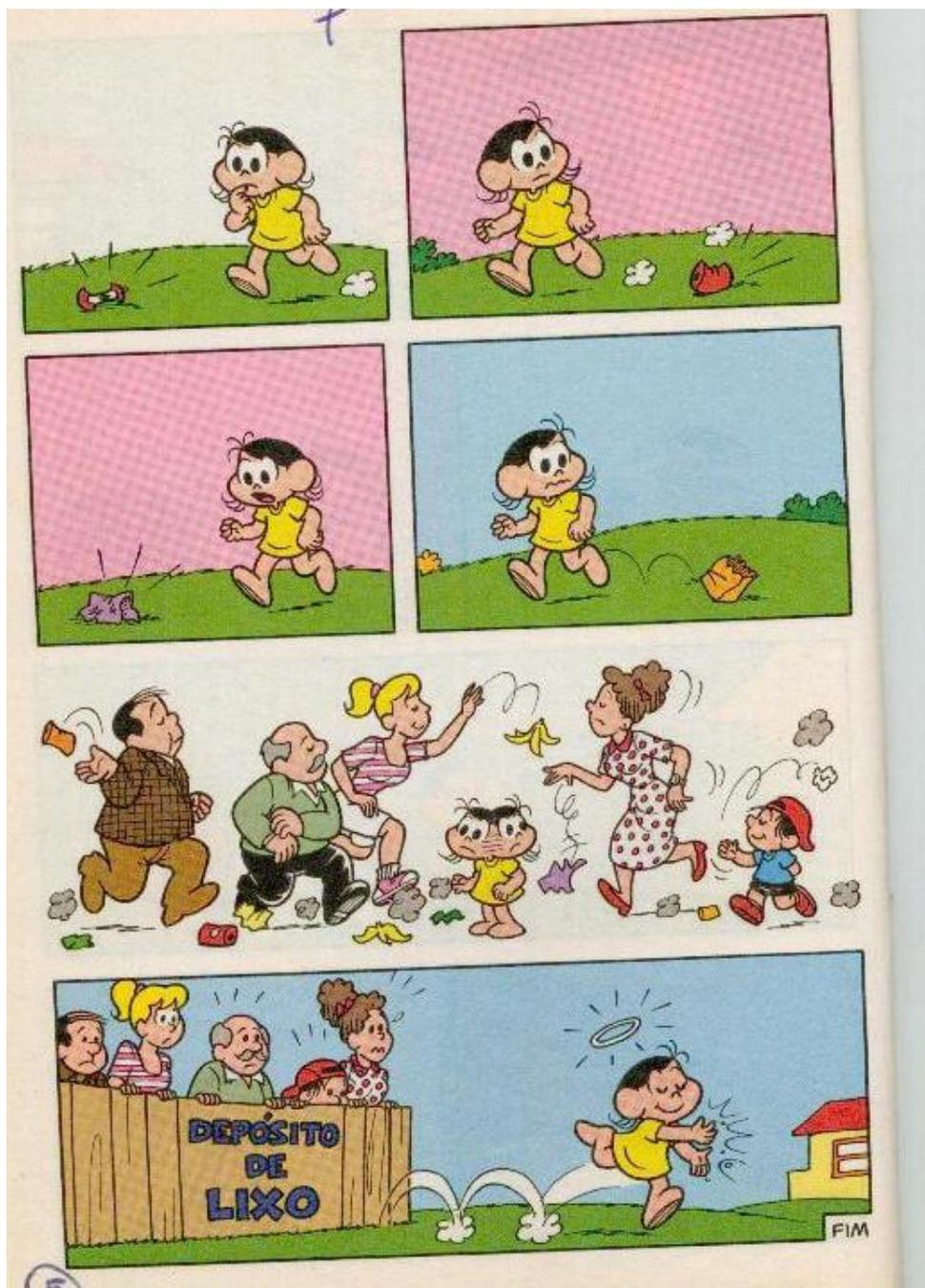
Publicada em junho de 1995 em revista mensal



Publicada em 2001 na revista número 65



Publicada em 2002 na revista número 67



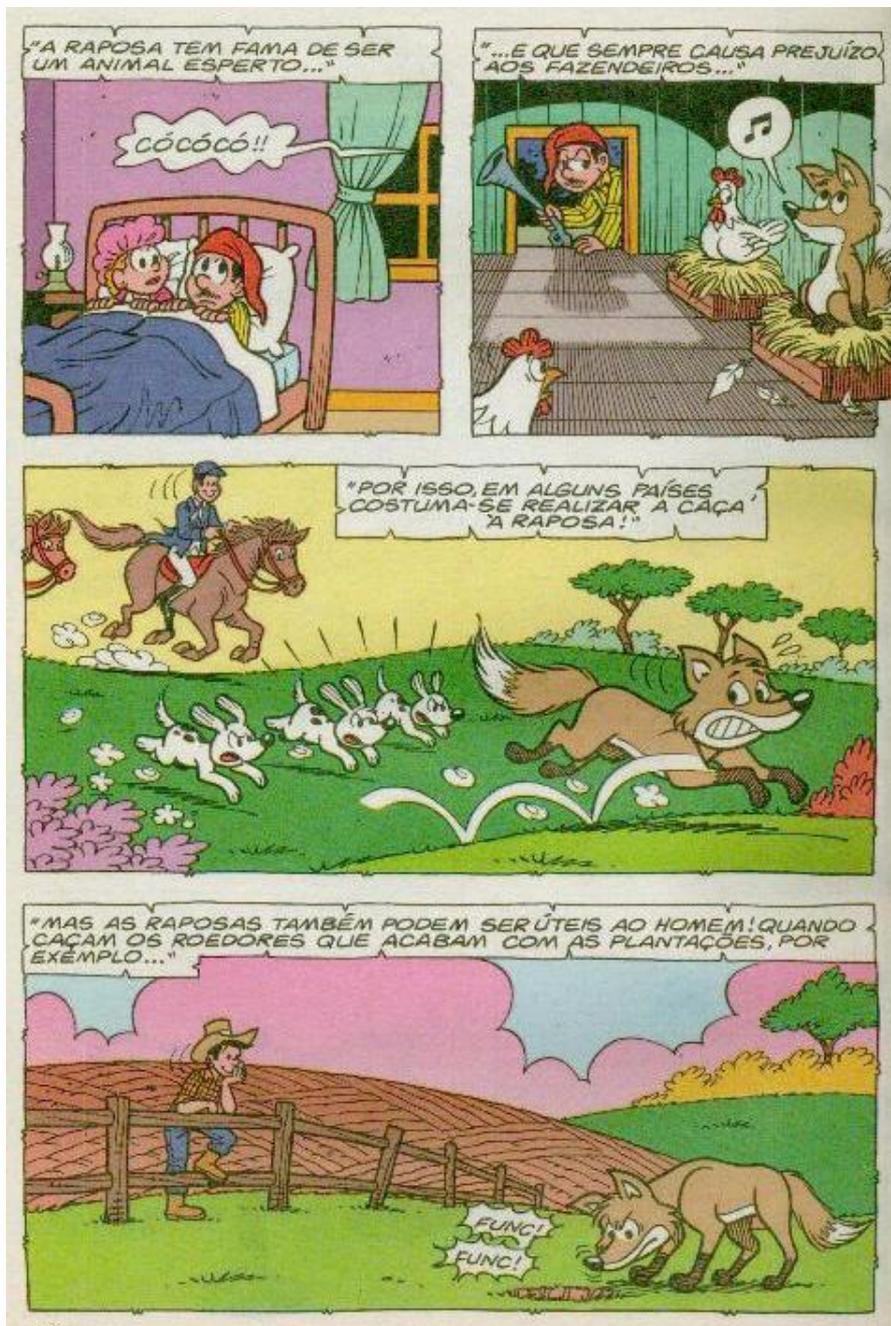
Publicada em 2003 na revista número 366



Publicada em janeiro de 2004 na revista numero 433



Publicada em 2005 na revista número 232



Publicada em 2006 na revista número 235